

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE HISTÓRIA

VICENZO GOSTINSKI BIESEKI

DEFESA PARA ALÉM DAS QUADRAS: BILL RUSSELL E O ATIVISMO DE ATLETAS
NEGROS DA NBA NOS MOVIMENTOS PELOS DIREITOS CIVIS NOS ESTADOS
UNIDOS (1950-1970)

ERECHIM

2026

VICENZO GOSTINSKI BIESEKI

**DEFESA PARA ALÉM DAS QUADRAS: BILL RUSSELL E O ATIVISMO DE ATLETAS
NEGROS DA NBA NOS MOVIMENTOS PELOS DIREITOS CIVIS NOS ESTADOS
UNIDOS (1950-1970)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

ERECHIM

2026

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Bieseki, Vincenzo Gostinski
DEFESA PARA ALÉM DAS QUADRAS: BILL RUSSELL E O
ATIVISMO DE ATLETAS NEGROS DA NBA NOS MOVIMENTOS PELOS
DIREITOS CIVIS NOS ESTADOS UNIDOS (1950-1970) / Vincenzo
Gostinski Bieseki. -- 2026.
68 f.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim, RS, 2026.

1. basquetebol; história do esporte; história dos
Estados Unidos; NBA; direitos civis.. I. Fraga, Gerson
Wasen, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

Defesa para além das quadras: Bill Russel e o ativismo de atletas negros da NBA nos movimentos pelos direitos civis dos Estados Unidos (1950-1970)

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado no curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia **26/06/2026**.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga (Orientador)

Documento assinado digitalmente
 **GERSON WASEN FRAGA**
Data: 29/06/2026 09:36:33-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Allan Kardec da Silva Pereira

Documento assinado digitalmente
 **ALLAN KARDEC DA SILVA PEREIRA**
Data: 30/06/2026 15:18:18-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. João Júlio Gomes dos Santos Junior

Documento assinado digitalmente
 **JOAO JULIO GOMES DOS SANTOS JUNIOR**
Data: 29/06/2026 17:19:24-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dedico este trabalho ao meu irmão, que me fez
conhecer e amar o basquetebol.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, principalmente meus pais, Adriano e Cláudia, que não mediram esforços para que eu tivesse as melhores oportunidades que tivessem condições de me proporcionar. Agradeço imensamente ao meu irmão Christofer, por sempre ter sido um modelo de ser humano que eu almejei ser, por me dar motivação para ser melhor todos os dias, e por ter sido meu parceiro de caminhada até esse momento. À minha namorada Isadora, que foi meu maior suporte nos bons e maus momentos dos últimos seis anos. Não há palavras que possam descrever o tanto que ela foi importante para que esse trabalho, e muito mais, pudesse ser construído. Também agradeço aos cônjuges de meus pais, Alessandra e Paulo, que vieram somar de maneira extremamente positiva em minha vida. Em nome desses citados até aqui, estendo meu agradecimento à todos os meus familiares que de alguma forma contribuíram para minha jornada.

Agradeço aos meus amigos, Antônio, José, João Vitor e Eliane, que sempre estiveram presentes na minha vida e trouxeram tranquilidade e apoio nos momentos difíceis, além de estarem sempre ao meu lado em muitos dos momentos de felicidade que se sucederam nos últimos quatro anos e meio. Agradeço também aos meus colegas de faculdade e aos meus companheiros de curso, especialmente Alessandro, Eduarda e Raila, que trouxeram grande contribuição para esse trabalho e para minha vida pessoal como um todo. Sem esses amigos e parceiros, não poderia ter chegado até aqui.

Agradeço também a todos os mestres que tive ao longo da vida. Todos foram muito importantes para que eu conseguisse construir a imagem do professor que pretendo ser. Nesse sentido, menciono com carinho especial meu orientador, Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga, que esteve sempre muito presente na trajetória desse projeto de conclusão de curso, mas, principalmente, me fez conhecer a História do Esporte e as possibilidades que ela abre.

MUITO OBRIGADO!

I have my own ideas for the future.
I have my own hopes and my own dreams.
I believe that I can contribute something far more important than mere basketball.
I said before three emotions have always been very real to me - fear, prejudice and
bitterness.
It is the reactions to these emotions that make a man.
In the end, I live with hopes that when I die, it will be inscribed for me:
Bill Russell.
He was a man (McSweeney e Russell, 2020, p. 205).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os movimentos pelos direitos civis dos Estados Unidos da América nos anos 50 e 60 a partir da militância de atletas negros do basquetebol profissional. Para isso, é utilizado o caso de Bill Russell, atleta do Boston Celtics, a fim de compreender as formas de atuação desses atletas dentro e fora da NBA. A pesquisa foi dividida em três partes. Primeiramente, é apresentado o contexto histórico em um capítulo construído a partir de uma pesquisa bibliográfica. Em um segundo momento, utilizando a mesma metodologia, demonstrou-se como ocorreu o surgimento e a profissionalização do basquetebol, bem como a importância que ele carrega para a compreensão da sociedade e da identidade negra estadunidense. Por fim, foi realizada uma pesquisa documental de caráter qualitativo de reportagens do The New York Times obtidas pelo repositório Times Machine. A escolha das fontes foi feita a partir das ocorrências do nome “Bill Russell” no período em que o atleta esteve ativo na NBA (1956-1969) e a análise foi apoiada em estudos teóricos sobre raça e identidade. Como resultado, foi possível perceber como o basquetebol acompanha as mudanças sociais ocorridas na sociedade estadunidense, sendo um espaço muito importante na representação e resistência negra nos EUA. O caso de Russell permite entender o papel que um atleta de destaque dentro da NBA assume para além do basquetebol, se tornando uma figura que influencia política e culturalmente a comunidade negra. A NBA, portanto, é retratada como um espaço que deixa de ser somente uma instituição esportiva, para se tornar um meio em que ocorrem disputas, construções de referências e aberturas de possibilidades.

Palavras-chave: basquetebol; história do esporte; história dos Estados Unidos; NBA; direitos civis.

ABSTRACT

This work has the objective of analyzing the Civil Rights Movements in the United States of America in the 50s and 60s through the activism of professional black basketball players. For that, the work uses the case of Bill Russell, a player for the Boston Celtics, to comprehend the ways of acting of these athletes inside and outside the NBA. The research was divided into three parts. First, the historical context is presented in a chapter based on a bibliographic research. Subsequently, adopting the same methodology, it is shown how basketball's emergence and professionalization occurred, as well as the importance that it carries for the comprehension of American society and black identity. Finally, a qualitative documentary research of The New York Times reports obtained through the Times Machine repository was made. The choice of the sources was made based on the occurrences of the name "Bill Russell" in the period of time that the athlete was active in the NBA (1956-1969) and the analysis was supported in theoretical studies about race and identity. As a result, the findings demonstrate how basketball accompanies the social changes that occurred in American society, being a very important space for the black representation and resistance in the US. Russell's case allows the understanding of the role that a prominent athlete in the NBA assumes beyond basketball, becoming a figure that influences politically and culturally the black community. The NBA, therefore, is portrayed not merely as a sports institution, but as a space of social disputes, where references are built and possibilities are open.

Keywords: basketball; sport's history; history of the United States; NBA; Civil Rights.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Placa em que se lê em inglês “Sala de espera para negros”	22
Figura 2 – Multidão ao redor do Lincoln Memorial na Marcha de Washington em 1963.....	28
Figura 3 – Estudantes que integraram o primeiro jogo de basquetebol da história em dezembro de 1891.....	35
Figura 4 – Duelo entre Bill Russell e Wilt Chamberlain.....	40
Figura 6 – Notícia de convocação de Bill Russell ao Harlem Globetrotters”	48
Figura 6 – Trecho da notícia sobre transferência de Bill Russell para o Boston Celtics.....	50
Figura 7 – Notícia do assalto à casa dos Russell.....	51
Figura 7 - Reunião em apoio à Muhammad Ali.....	56
Figura 8 – Trecho do New York Times de 19 de abril de 1966 que traz o pioneirismo de Russell ao se tornar treinador.....	58
Figura 9 - Notícia sobre a chegada de Bill Russell à Etiópia.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Organização das ocorrências do nome de Bill Russell no Repositório Times Machine (30/04/1956-06/04/1969).....	46
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NBA	<i>National Basketball Association</i>
EUA	Estados Unidos da América
BAA	<i>Basketball Association of America</i>
NBL	<i>National Basketball League</i>
KKK	<i>Ku Klux Klan</i>
NAACP	<i>National Association for the Advancement of Colored People</i>
CORE	<i>Congress of Racial Equality</i>
SCLC	<i>Southern Christian Leadership Conference</i>
SNCC	<i>Student Nonviolent Coordinating Committee</i>
ONU	Organização das Nações Unidas
OAAU	Organização da Unidade Afro-Americana
YMCA	<i>Young Men's Christian Association</i>
AAU	<i>Athletic Union of America</i>
NCAA	<i>National Collegiate Athletic Association</i>
ABL	<i>American Basketball League</i>
NFL	<i>National Football League</i>
NY	<i>New York</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 PÓS ABOLIÇÃO E RECONSTRUÇÃO NEGRA NOS ESTADOS UNIDOS.....	17
1.1 O CONTEXTO SEGREGACIONISTA.....	17
1.1.1 Situação rural.....	22
1.1.2 Guetos.....	23
1.1.3 Resistência.....	24
1.1.3.1 Negro revolution.....	25
1.1.3.2 Black Revolution.....	27
1.1.4 Resultados.....	29
2 HISTÓRIA DO BASQUETEBOL E ESTUDOS EM HISTÓRIA DO ESPORTE.....	31
2.1 POR QUE O BASQUETE É RELEVANTE PARA O ESTUDO?.....	31
2.2 ORIGEM E HISTÓRIA DO BASQUETEBOL PROFISSIONAL.....	33
2.4 A NBA E O PROBLEMA RACIAL NOS EUA.....	40
2.5 BASQUETEBOL E IDENTIDADE NEGRA.....	42
3 BILL RUSSELL.....	45
3.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS ENCONTRADOS.....	46
3.1.1 O lugar do negro no esporte.....	46
3.1.2 Cidadania incompleta do atleta negro.....	50
3.1.3 Dá visibilidade à militância.....	51
3.1.4 Bill Russell e a construção midiática da “superação da linha de cor”.....	56
3.1.5 O retorno para casa: as duas faces do afro-americano estadunidense.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	65

INTRODUÇÃO

No presente trabalho discute-se o ativismo de atletas da National Basketball Association (NBA) nos movimentos de luta por direitos civis nos Estados Unidos da América (EUA) entre 1950 e 1970. Nesse sentido, procura-se, a partir de reportagens do The New York Times, construir uma perspectiva de análise das lutas anti-segregação tomando o basquete como ponto de partida para esse estudo. Para isso, foi selecionada a trajetória profissional e militante de Bill Russell, atleta do Boston Celtics, considerado uma figura central para a compreensão da significância de atletas negros do basquetebol profissional para o movimento negro estadunidense no contexto histórico selecionado.

O recorte temporal representa o momento da massificação dos protestos pelo fim da discriminação racial formal e informal nos EUA. Em agosto de 1963, por exemplo, o Dr. Martin Luther King Junior, diante de 200 mil manifestantes, deu seu conhecido discurso “I have a dream” (Eu tenho um sonho), em frente ao Memorial Lincoln, durante a Marcha de Washington. Ou seja, trata-se de um momento de efervescência política e social, em que a população negra vai às ruas, pacífica ou violentamente, reivindicar aquilo que King definiu, em seu discurso, como uma “promessa de que todos os homens teriam garantia aos direitos inalienáveis de ‘vida, liberdade e à procura de felicidade’”, feita pelos “arquitetos da república”.

Nesse mesmo contexto, o basquetebol se organizava naquela que ainda hoje é a mais importante liga desse esporte. Criado em 1891 por James Naismith, o basquete consistia em uma alternativa de esporte “interno” para ser praticado em períodos de frio. Com o seu desenvolvimento, principalmente em competições universitárias, ele se profissionaliza. Em 1949, a fusão entre a Basketball Association of America (BAA), que existia desde 1946 (três temporadas) e a National Basketball League (NBL), fundada com esse nome em 1937, cria a NBA.

Ao observar o surgimento e o contexto da formação dessa organização ainda tão influente na contemporaneidade, surge o interesse em estudar a sociedade estadunidense a partir do basquetebol. Contudo, é o ano de 2020 o marco que inspira a realização dessa pesquisa. Neste ano, após as restrições de contato resultantes da pandemia da Covid-19, a NBA apresentou o projeto conhecido como “NBA Bubble”, um empreendimento multimilionário com o objetivo de criar uma zona de isolamento que permitisse a continuidade da temporada 2019-2020, paralisada no dia 11 de março de 2020. Após meses de

um longo protocolo de saúde, as partidas retornaram, sem torcida, no ESPN Wide World of Sports Complex, em Orlando, no dia 30 de julho de 2020.

Fora da “Bolha”, o mundo vivenciava, para além da Pandemia, uma intensa onda de protestos contra a violência policial nos Estados Unidos (EUA), que explodiram após o assassinato de George Floyd por um policial branco em Minneapolis. Jogadores e Liga se articularam, nesse contexto, para que as partidas no isolamento se tornassem espaço de mobilizações e protestos. Atletas furaram o isolamento e lideraram manifestações, logos com a frase “Black Lives Matter” (Vidas Negras Importam) foram colocadas nas quadras, nomes de vítimas da violência policial e frases icônicas dos protestos substituíram os nomes dos atletas em camisetas e hinos nacionais foram acompanhados por jogadores e comissões técnicas ajoelhados.

A NBA é a maior e mais importante liga de basquetebol do mundo. Em sua origem, ela era completamente formada por atletas brancos. Na contemporaneidade, porém, o basquetebol é um esporte majoritariamente negro nos EUA, indicando a conquista e o uso de um espaço anteriormente recusado. Esse processo em que o basquete se “torna negro” vai além do número de atletas profissionais atuantes em competições profissionais. Ele é um representativo da consolidação de uma “cara” ao esporte. Nesse sentido, essa pesquisa procura pensar como essa prática esportiva antes exclusivamente branca passa a ser uma referência para a representação e a identidade negra nos Estados Unidos. Ou seja, como é possível que um esporte que excluía a população negra, se torne palco para que indivíduos se manifestem contra desigualdades e violências raciais como fizeram em 2020?

Com essa questão em mente, propõe-se retornar às origens do jogo, quando em um contexto de um país racialmente segregado, Earl Lloyd, um atleta negro estadunidense, pisa, pela primeira vez, em uma quadra de basquete em competições oficiais da liga em 1950. Portanto, no mesmo período em que as bases da sociedade racializada estadunidense estão sendo cada vez mais contestadas, pessoas negras passaram a conquistar espaço dentro do basquetebol profissional. Devido à contemporaneidade desses acontecimentos entre si, tem-se, para além do objetivo principal de olhar para a luta por direitos civis a partir do basquete, o surgimento de questões específicas a serem investigadas. Por isso, foram construídos dois capítulos teóricos a partir de pesquisas bibliográficas, visando deixar clara a relação que se estabelece entre esses elementos. A abordagem bibliográfica, segundo Sousa, Oliveira e Alves (2021, p. 68) é um momento fundamental do trabalho, visto que é por ela que “o pesquisador faz o levantamento de informações que sejam relevantes na construção da pesquisa científica”, tomando como base a “investigação de obras científicas já publicadas”.

Esse levantamento de obras e autores é inicial e pode ser alterado ou suplementado por outras obras no decorrer da pesquisa.

Dessa forma, a fim de contextualizar o recorte histórico, foi preciso identificar a origem e os significados dos movimentos de luta por igualdade racial nos EUA de 1950 até 1970. Com isso buscou-se conhecer os motivos que tornam o basquete um fator relevante para compreender esses movimentos, em uma relação que pense a importância do esporte para compreender a sociedade. Para atender a esse objetivo, será realizada uma pesquisa bibliográfica que parte dos trabalhos de Du Bois (2021 e 2026), Karnal (2025), Zinn (2013), Davidson (2023), Ture e Hamilton (2021) e é complementada ao longo do texto por outros autores.

Em um segundo momento, procura-se relacionar esse contexto histórico, com o surgimento do basquetebol e seu desenvolvimento em um esporte profissional. Essa seção divide-se em cinco momentos distintos. Primeiramente, é dedicado um espaço para discorrer sobre os motivos de olhar a sociedade a partir das práticas esportivas. Nesse sentido, parte-se do que escrevem Elias (1939), Elias e Dunning (1986), Melo (2010), Helal (2010), Helal e Amaro (2011) e Júnior e Sigoli (2004). O segundo, terceiro e quarto subtópicos se dedicam a apresentar a história do surgimento e profissionalização do basquete, exibir suas características nos anos 50 e 60, e mostrar como as relações raciais se desenvolviam nesse espaço, respectivamente. No quinto momento, por fim, é exibida a forma como as relações raciais no âmbito profissional do basquetebol se articulam com a sociedade e a identidade coletiva negra na sociedade estadunidense. A análise é focada principalmente nos trabalhos de Ogden e Hilt (2003).

Por fim, o terceiro e último capítulo faz o papel de articular os conhecimentos teóricos apresentados nas seções anteriores com as fontes selecionadas. Ao pensar a relação entre a NBA e os movimentos por direitos civis, foi selecionado o caso de Bill Russell como mais apropriado para os fins propostos por essa pesquisa. A sua escolha parte principalmente da relevância que o atleta teve dentro do esporte, sendo 11 vezes campeão da NBA e o primeiro treinador negro da liga. Dessa maneira, foram mapeadas as ocorrências do nome do atleta no período em que esteve vinculado ao Boston Celtics como jogador (1959 - 1966) no periódico New York Times. O acesso aos documentos foi feito por meio da plataforma “Times Machine”, repositório oficial do jornal que conta com a digitalização de todas suas edições.

As fontes encontradas foram divididas em categorias de análise de acordo com os objetivos da pesquisa. Elas foram trabalhadas em diálogo com o que estabelece Krilow (2019, p. 3), sobre o uso de jornais na produção historiográfica. Ao propor a análise de conteúdo,

pensa-se primeiramente em compreender como se deu o processo de resistência à desigualdade racial pelas mãos dos atletas. Porém, ao considerar uma sociedade ainda segregada, é preciso refletir sobre as formas como essas ações de protesto aparecem no jornal. Assim, para o trabalho foi, primeiramente, realizado o conhecimento pré-textual do jornal, visando compreender seu contexto de produção e suas agendas, e num segundo momento com a avaliação dos conteúdos presentes nas ocorrências selecionadas e os significados que estabelecem.

Essa construção também mobiliza o conceito de raça, a partir de suas delimitações no recorte temporal escolhido. Essa sustentação utilizará dos escritos de Du Bois (1903) e de Fanon. Além disso, ao pensar as relações do esporte com a construção da identidade negra estadunidense, será trazido as ideias sobre o conceito de identidade proposto por Homi Bhabha e por Stuart Hall. Ou seja, o último capítulo buscou articular a experiência real vivida por Russell, com a teoria racial. Com isso, espera-se ter conseguido traçar uma narrativa da atuação desse sujeito na luta por direitos civis nos EUA a partir de suas movimentações por dentro do basquetebol institucionalizado.

Consolidam-se assim os objetivos do trabalho, sendo o objetivo geral compreender os movimentos de luta por direitos civis nos Estados Unidos tendo por referência a atuação e influência de atletas negros do basquetebol. Também, procura-se especificamente: Identificar a origem e os significados dos movimentos de luta por direitos sociais nos EUA nas décadas de 1960 e 1970; Conhecer os motivos que tornam o basquete um fator relevante nos movimentos sociais nos EUA, bem como pensar o papel do esporte na compreensão da sociedade; Analisar as formas de mobilização e participação dos atletas em manifestações no contexto da luta por direitos sociais nos EUA; Pensar como a NBA e o Basquete se tornam um espaço referência para a identificação e representação negra nos EUA.

Com isso, espera-se que seja possível pensar a construção e consolidação da NBA e do Basquetebol como um espaço de referência para a identificação e representação negra nos EUA. Para atender à esses objetivos tomou-se como fonte o The New York Times. A escolha desse jornal para esse estudo se justifica por dois pontos. Primeiramente, é o veículo de mídia estadunidense mais conhecido internacionalmente. Além disso, o periódico possui acervo totalmente digitalizado de fácil acesso.

1 PÓS ABOLIÇÃO E RECONSTRUÇÃO NEGRA NOS ESTADOS UNIDOS

1.1 O CONTEXTO SEGREGACIONISTA

Durante todo aquele dia e aquela noite se instalou uma terrível alegria em meu coração - não, não me culpe se eu vejo o mundo de forma tão sombria através do véu -, e minha alma me sussurrava dizendo: “Morto não, morto não, resgatado; cativo não, livre”. Agora nenhuma maldade amargurada pode abalar seu coração infante até que ele morra por dentro, nenhuma ofensa há de perturbar sua feliz meninice. - W. E. B. Du Bois (2021, p. 230)

Para estudar o período pós-abolição brasileiro, Rios e Mattos (2004, p.174) partem de uma perspectiva social e cultural a fim de demonstrar os diferentes usos e perspectivas da liberdade recém conquistada pelos ex-escravizados. Nesse sentido, as autoras propõem a superação da ideia de um período marcado exclusivamente pelo abandono social e exclusão dos libertos e sua substituição pela mão de obra imigrante, para trazer à tona a autonomia desses sujeitos e sua influência na construção da sociedade no pós-abolição.

No caso estadunidense, objeto deste estudo, a situação não é de todo diferente. Du Bois (2026, p. 69) ao apresentar o conceito de *reconstrução negra* tem como objetivo demonstrar o potencial democrático e político que a abolição da escravidão representou na tentativa de reconstrução dos Estados Unidos após a Guerra Civil (1861-1865). Porém, o ideal de “democracia abolicionista” (p.25) que viria a se estabelecer a partir da construção coletiva de uma nova sociedade com igualdade racial foi derrotada por uma “contrarrevolução da propriedade”. Ou seja, com a abolição da escravidão a tendência à construção de uma sociedade mais igualitária é neutralizada por uma estrutura social e política que perpetua as desigualdades experienciadas no período escravista.

Ao estudar a especificidade do poder político dos latifundiários nesse processo, Du Bois escreve que “eles lutaram ferozmente durante os estágios iniciais da Reconstrução para manter esse poder para os brancos e, ao mesmo tempo, para evitar que fosse concedido qualquer poder político aos negros”. No campo jurídico, a instituição das Leis Jim Crow (1877-1964) atuou no sentido de perpetuar a desigualdade social por meios legislativos. Além disso, é importante lembrar que essa segregação institucionalizada é acompanhada por um processo de violência física. O maior expoente disso é a Ku Klux Klan (KKK), que após sua fundação em 1865 teve objetivo de suprimir, sob quaisquer meios, os direitos políticos e sociais conquistados pelos negros estadunidenses.

Segundo Zinn (2015, p. 171),

“Liberation from the top would go only so far as the interests of the dominant groups permitted. If carried further by the momentum of war, the rhetoric of a crusade, it could be pulled back to a safer position. Thus, while the ending of slavery led to a reconstruction of national politics and economics, it was not a radical reconstruction, but a safe one - in fact, a profitable one.

“A libertação vinda de cima só iria até onde os interesses dos grupos dominantes permitissem. Se ela fosse levada mais adiante pelo impulso da guerra, pela retórica de uma cruzada, ela poderia ser puxada de volta para uma posição mais segura. Assim, embora o fim da escravidão tenha levado a uma reconstrução da política e da economia nacionais, não foi uma reconstrução radical, mas uma reconstrução segura — e, de fato, lucrativa.” (Tradução nossa).

A partir dessa constatação apresentada pelo autor, é possível compreender o pós-abolição nos Estados Unidos como um projeto que visava a manutenção do status quo e a permanência da subalternidade da população negra. Assim, propõe-se compreender o pós-abolição como um processo histórico prolongado de reconquista de direitos que parte da Guerra Civil e só encontra fim nos atos legislativos de 1964 que proibiram a segregação racial. Como no caso brasileiro, a emancipação não é acompanhada de incorporação à cidadania, ela precisa ser acompanhada por um processo de luta e afirmação da liberdade conquistada.

Ao tomar a Guerra Civil como marco inicial do contexto histórico que influencia a construção desse trabalho, parte-se do pressuposto que é a partir dela que foram tomadas as decisões políticas que influíram na formação dos Estados Unidos do final do século XIX até a legislação dos Direitos Civis da década de 60. Karnal (2025, p. 129-139), ao demonstrar o desenvolvimento histórico da Guerra, deixa perceptível a centralidade da escravidão durante todo o processo. Ao mesmo tempo que ela é motivo e justificativa para a eclosão do conflito, é a partir dela que o Norte encontra a vitória.

Davidson (2023, p. 148 - 156), no capítulo “Cruzando a Fronteira” de seu livro “Uma Breve História dos Estados Unidos” descreve como a escravidão esteve no centro das disputas que levaram à ruptura do território estadunidense entre os Estados Confederados da América (Sul) e os Estados Unidos da América (Norte). Para o autor, a expansão territorial estadunidense em direção ao Oceano Pacífico foi acompanhada da tentativa de expansão da escravidão pelos estados do Sul e, em contrapartida, da busca pelo estabelecimento de territórios livres nas novas terras conquistadas pelo Norte.

Essas disputas contaram com decisões políticas que visavam mediar o conflito e evitar a deflagração de uma Guerra. Entretanto, com a chegada das eleições de 1860, foi tornado presidente Abraham Lincoln, candidato apoiado pelos Estados livres. A partir de seu discurso voltado ao controle da expansão da escravidão, foi formalizada a saída da União dos oito

estados do Sul mais ligados à escravidão (*Deep South*) e formação dos Estados Confederados da América, liderados pelo presidente eleito Jefferson Davis (Davidson, 2023, p. 156).

Nesse sentido, é notável como a escravidão foi epicentro das motivações para a eclosão do conflito. Contudo, ela também foi uma parte central no desenvolvimento da Guerra Civil. Como os negros escravizados não podiam integrar os exércitos do Sul devido às leis da escravidão, sendo limitados a trabalhos secundários no conflito, o Norte possuía vantagens numéricas. Além disso, segundo Karnal (2025, p. 134) “os escravos utilizaram a Guerra Civil do melhor jeito que podiam para se tornar livres”. Dessa forma, é notável o uso das fugas para aquisição da liberdade, principalmente após as Leis do Confisco (1861 e 1862), que declaravam que “toda propriedade usada em favor dos confederados que caísse em mãos dos nortistas seria imediatamente confiscada” (Karnal, 2025, p. 133), incluindo também escravizados fugidos ou capturados.

Segundo Davidson (2023, p. 160) para além das fugas, muitos escravizados passavam notícias, conduziam e auxiliavam as tropas do norte na localização dos inimigos e até integravam o exército da União no combate contra os estados escravistas. Ainda segundo o autor, cerca de 180 mil afro-americanos integraram o exército do norte. Como resultado da percepção da importância dos escravizados para o desenrolar do conflito, Lincoln proclamou em 1º de janeiro de 1863 a Lei de Emancipação dos escravizados, libertando os escravos em território confederado e, posteriormente em 1865, com a Décima Terceira Emenda da Constituição, em todo o território da União.

Em novembro 1863, Lincoln faz um discurso (Gettysburg Address) após a Batalha de Gettysburg em que diz:

Há oitenta e sete anos, nossos pais fundaram neste continente uma nova nação, concebida na Liberdade e dedicada ao princípio de que todos os homens são criados iguais. Agora estamos envolvidos em uma grande guerra civil, que testa se essa nação, ou qualquer nação assim concebida e assim dedicada, pode perdurar. Estamos reunidos em um grande campo de batalha dessa guerra. Viemos dedicar uma porção desse campo como local de descanso final para aqueles que aqui deram suas vidas para que essa nação pudesse viver. É absolutamente justo e apropriado que façamos isso.¹ (Tradução nossa)

A igualdade enquanto categoria relacionada à liberdade dos indivíduos é utilizada como fundamento moral do discurso abolicionista e como elemento basilar para a reconstrução da nação. Pensa-se, nesse sentido, que o fim da escravidão teria como consequência a construção de uma sociedade igualitária na qual a cor da pele não fosse justificativa para a exploração de pessoas. Porém, um século depois, em 1963, em frente ao

¹ Discurso disponível na íntegra em <<https://www.abrahamlincolnonline.org/lincoln/speeches/gettysburg.htm>>

Memorial Lincoln, Martin Luther King Jr. realiza seu conhecido discurso “I have a dream” (Eu tenho um sonho) que começa com o seguinte:

Há cem anos, um grande americano, cuja sombra simbólica nos envolve hoje, assinou a Proclamação da Emancipação. Este decreto histórico surgiu como um grande farol de esperança para milhões de escravos negros que haviam sido queimados pelas chamas da injustiça implacável. Surgiu como um alvorecer radiante para pôr fim à longa noite de seu cativeiro. Mas cem anos depois, o negro ainda não é livre. Cem anos depois, a vida do negro ainda está tristemente debilitada pelas algemas da segregação e pelas correntes da discriminação. Cem anos depois, o negro vive numa ilha solitária de pobreza em meio a um vasto oceano de prosperidade material. Cem anos depois, o negro ainda definha nos cantos da sociedade americana e se encontra exilado em sua própria terra.

A denúncia do não cumprimento das promessas de emancipação não vem do nada. Ela é um resultado da reorganização da dominação racial sob novas formas que não a escravidão. Ou seja, da manutenção das formas de subjugação e exploração da população negra no território. Assim, retorna-se para aquilo que Du Bois (2026, p. 25) chama de “contrarrevolução da propriedade”. Segundo Karnal (2025, p. 139) a situação dos ex-escravizados após o fim da Guerra era distinta, grande parte, cerca de 286 mil, estavam alistados ao exército da União. Outros se estabeleceram em territórios confiscados pela União e muitos simplesmente perambulavam, cheios de esperança, mas sem garantias de sustento. O debate, portanto, continuava a ser a população negra e as perspectivas para eles na nova Nação.

A expectativa de uma reforma agrária (40 acres e uma mula)² foi frustrada e, por todo o Sul, passaram a funcionar um conjunto de instrumentos legais e ilegais que segregavam as pessoas negras (Karnal, 2025, p. 141), como os “Black Codes” (Códigos Negros)³. A resposta do governo da União, em uma perspectiva radical de reconstrução após um período inicial de tentativa de conciliação entre Norte e Sul, foi promulgar a Décima Quarta (1868) e a Décima Quinta (1870) Emendas Constitucionais. Essas legislações eram, respectivamente, responsáveis por garantir a cidadania a todos os nascidos e naturalizados nos Estados Unidos, e por proibir a discriminação do sufrágio por motivo de “raça, cor, ou anterior condição de servidão” (Karnal, 2025, p. 144).

² Toma-se aqui o exemplo da expressão 40 acres e uma mula para se referir à ordem militar pela qual o general Sherman determinou o confisco de 400 mil acres de terras na costa da Carolina do Sul, Geórgia e Flórida e sua divisão em lotes de até quarenta acres entre 18 mil famílias de libertos da região. A ordem foi anulada pelo presidente Andrew Johnson (Du Bois, 2021, p. 41)

³ *Black Codes* ou Códigos Negros são definidos por Edis (2019, p. 2027) como estatutos para pessoas negras nos Estados Unidos do século XIX. Para o autor, eles consistem em um conjunto de leis, estatutos e regras promulgadas pelos estados sulistas imediatamente após a Guerra Civil para retomar o controle sobre os escravos libertos, manter a supremacia branca, e garantir a continuidade do suprimento de mão de obra barata.

Porém, a partir da virada da década de 1870, passam a surgir novas formas de perpetuação de preconceitos e desigualdades. Com a perda do apoio do Congresso, surgem as chamadas “Leis Jim Crow”, que se baseiam na ideia de “separados, mas iguais”. Segundo Edis (2019, p. 2038) a partir dessas dezenas de leis que perduraram até 1964:

Negros usavam diferentes fontes para beber água, sentavam separados de brancos em ônibus públicos e teatros, usavam banheiros designados para negros, alguns negócios nem mesmo aceitavam sua presença e os tratavam da mesma forma que cães ou gatos. Bairros brancos não aceitavam residentes negros, crianças iam para escolas diferentes e o seus livros didáticos diferiam em alguns estados. O sistema educacional [...]. Afro-Americanos juravam em Bíblias distintas de brancos em tribunais. O casamento interracial foi proibido. Placas foram colocadas para expressar a proibição da entrada de negros (Tradução nossa).

É nesse mesmo contexto que surge, em 1865, a KKK, que, ao se colocar como uma entidade moralizante, de defesa da honra, dos costumes e da moral cristã (protestante), praticava linchamentos, assassinatos e perseguições de chamadas “raças inferiores” e seus apoiadores, os *negro lovers* (amantes de negros) (Karnal, 2025, p. 146). A organização teve grande poder e influência no contexto. Uma demonstração disso foi realizada em agosto de 1925. Na ocasião, noticiada pelo New York Times sob o título de “Sight Astonishes Capital” (Visão Surpreende a Capital), entre 35 e 45 mil pessoas realizaram uma manifestação em Washington.

Figura 1 – Placa em que se lê em inglês “Sala de espera para negros”



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Segrega%C3%A7%C3%A3o_racial_nos_Estados_Unidos

A partir da constatação da formação desse contexto pós-Guerra Civil de manutenção da subalternidade com base em critérios raciais, parte-se para a descrição da consequência dessa realidade em dois espaços distintos: o rural e o urbano. Dessa forma, procura-se dar

perspectivas para compreender a situação ocupada pela população negra no período que antecede as lutas e movimentos dos Direitos Civis da década de 60.

1.1.1 Situação rural

A partir do apresentado até o momento, chega-se a um ponto contraditório na história negra estadunidense em que a efervescência de possibilidades de liberdade no pós-abolição é atacada pela segregação racial que mantém em muitos aspectos o status quo. O ataque aos direitos políticos recém conquistados, bem como a continuidade da exploração da mão de obra negra por formas que tangenciam o passado escravista, foram muito perceptíveis no campo, principalmente no Sul.

O trabalho de Du Bois (2021) nesse aspecto, é muito importante pela descrição que faz do chamado “Cinturão Preto”, uma zona geográfica no Sul estadunidense que recebeu esse nome inicialmente devido à coloração do solo, mas que logo foi associado a outros significados devido à superação em grandes números da população negra sobre a branca. Com clima e geografias próprias para a produção de algodão, esse espaço se tornou um dos grandes núcleos da escravidão, o que significou, no pós-abolição, uma multidão negra em buscas de novas formas de sobrevivência.

Du Bois (2021, p. 144), ao descrever Abany, na Geórgia, parte do Cinturão, usa os termos “abandono e esquecimento”, para analisar o caso dos negros que passam a arrendar terras para o cultivo de algodão. Segundo ele, os senhores foram embora e agora

Só restam os arrendários negros; mas a mão invisível do sobrinho-neto do antigo senhor, do primo ou do credor ainda se estende de um ponto distante para cobrar sem remorso um oneroso pagamento pelo uso da terra, e assim o lugar permanece pobre e estagnado. Apenas os lavradores negros aceitam esse sistema, e só porque são obrigados.”

Se organiza economicamente, portanto, um território da dívida, em que os sujeitos não conseguem ganhar o suficiente para cobrir as despesas da terra e sustentar suas famílias. Essa “escravidão da dívida”, que piorava conforme eram feitos empréstimos a juros impagáveis, foi ainda acompanhada da segregação social e da perda de direitos políticos que haviam sido conquistados no pós-abolição. Apesar da legislação proibir que estados impedissem pessoas de exercer o direito ao voto, por exemplo, no contexto das Leis Jim Crow no sul dos EUA, foram comuns práticas de supressão desses direitos por aspectos técnicos. Segundo Ture e Hamilton (2021, p.134), foi só a partir da Lei do Direito de Voto de 1965 que:

Um negro nunca mais lidaria com testes de alfabetização ou perguntas absurdamente difíceis sobre a Constituição ou táticas como a rejeição do registro por que um “t” não foi devidamente cruzado ou porque um “i” não foi devidamente pontuado”.

Ou seja, por mais de meio século, sujeitos foram ilegalmente mantidos em um sistema de exploração econômica, privação de direitos políticos e segregação racial institucionalizada. Dessa forma, os primeiros anos do século XX foram protagonizados por uma grande migração de pessoas negras do Sul dos EUA para o Norte, em busca de melhores salários, garantia de direitos básicos e da fuga da subordinação (Karnal, 2025, p. 182). Porém, a continuidade do sonho da liberdade teve novo contato com a hostilidade racial dentro dos núcleos urbanos do norte.

1.1.2 Guetos

Ao passar para o estudo dos núcleos negros nas grandes cidades estadunidenses na primeira metade do século XX, nota-se a intensificação da segregação racial e a formação de dois espaços completamente distintos: a cidade negra e a cidade branca. A singularidade dessa formação é explorada por Wacquant (2008, p. 79), que toma como referência o estudo das formas de isolamento de indivíduos judeus na Idade Média para delimitar os elementos estruturais que constituem essa forma de (des)organização social. Segundo ele, é nessa referência que se podem distinguir os elementos fundamentais do gueto afro-americano estadunidense: estigma, coerção, confinamento espacial e o encapsulamento institucional (Wacquant, 2008, p. 79). Nesse sentido, o confinamento de um grupo étnico dentro de um espaço tem como objetivo maximizar os lucros materiais extraídos da exploração dos “indesejáveis”, bem como minimizar o contato entre esses sujeitos e o restante da sociedade.

Na mesma perspectiva, Ture e Hamilton (2021, p.35), a partir de seu estudo sobre a realidade do negro estadunidense em espaço urbano vão definir o racismo institucional estadunidense como uma prática de colonialismo, em que a colônia negra (gueto), ao invés de exportar matérias primas (como é o caso de colônias agrícolas, por exemplo) para sua metrópole, exporta força de trabalho. Ou seja, a indústria ocidental emergente dependia da disponibilidade dessa mão de obra negra que chegava aos grandes centros urbanos a partir de migrações vindas do Sul (Karnal, 2025, p. 183) e, para isso, criava um aparato social que perpetuava a subalternidade negra.

Segundo Ture e Hamilton (2021, p. 186), essas práticas que envolvem tanto a opressão política, quanto a privação econômica, culminaram numa realidade “cíclica do racismo institucional” segundo a qual ao serem

Proibidos de morar na maioria das habitações, os negros são obrigados a viver em bairros segregados e, com isso, vem a escolarização segregada de fato, o que significa uma educação deficiente, que por sua vez leva a empregos mal remunerados.

Além disso, a população negra precisará conviver nesses espaços com a violência física, a especulação imobiliária e a exploração financeira. Portanto, ao mesmo tempo que se impedia que os negros vivessem fora dos guetos, esses espaços serviam como forma de arrecadação de lucros a partir de elevados aluguéis, altos custos de vida e excessivas taxas de juros.

Porém, retornando a Wacquant, o gueto se consolida como um espaço de duas faces. Ao mesmo tempo que é utilizado pelo grupo dominante para segregar o espaço urbano, ele se torna um espaço de construção de identidades coletivas. Essa “cidade paralela”, que possui suas próprias instituições, não é responsável apenas por excluir, ela também constrói e unifica a coletividade negra (Wacquant, 2008, p. 88). Assim, o gueto não pode ser unicamente compreendido como um espaço de pobreza humana e econômica, no contexto estadunidense do século XX, ele precisa ser visto na sua origem social marcada pela segregação racial. Além disso, o “encapsulamento institucional” permite a criação de identidades, de culturas e, sobretudo, de formas de resistência coletiva.

1.1.3 Resistência

Olhar para a organização dessas formas de resistência não significa pensar em um bloco fixo de grupos agindo pelas mesmas motivações e com os mesmos objetivos. As formas tomadas pelos indivíduos podiam passar por organizações políticas formais como a NAACP, fundada com participação de W. E. B. Du Bois em 1909, ou serem manifestações individuais de sujeitos que estavam cansados de serem considerados cidadãos de segunda categoria (ou nem mesmo cidadãos), como Rosa Parks ao se recusar a dar seu lugar no ônibus para um homem branco.

Mesmo nos grandes movimentos, como os Panteras Negras, a Nação do Islã, a Conferência de Liderança Cristã e o Congresso da Igualdade Racial, apresentavam discordâncias entre si e mesmo internas. Assim, não há como pensar em um movimento único que condensava todas as ideologias e reivindicações da população negra, porém, podem ser apontadas algumas causas comuns para a emergência desses movimentos: o racismo e a segregação racial.

Esse ecossistema de formas de resistência é integrado por organizações de caráter jurídico e institucional, que agiam a partir da atuação por dentro do próprio sistema, para

apoiar a população negra, como é o caso da NAACP; organizações de caráter não violento que utilizavam diferentes práticas para protestar em defesa da igualdade racial, como o Congress of Racial Equality (CORE) (Congresso de Igualdade Racial), a Southern Christian Leadership Conference (SCLC) (Conferência de Liderança Cristã do Sul) e o Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC) (Comitê Coordenador Estudantil Não Violento) (Davidson, 2023, p.273); e, por fim, movimentos que tinham como filosofia o nacionalismo negro e a autodefesa como forma de resistir à segregação e ao racismo, como a Nação do Islã (Davidson, 2023, p.279).

A fim de compreender a organização desses diferentes espaços, propõe-se, a seguir, apresentar elementos sobre duas perspectivas distintas. Primeiramente, a resistência não violenta de caráter integracionista, ou seja, que buscava a integração racial entre brancos e negros, representada por Martin Luther King Jr. Do outro lado, o uso de estratégias combativas e a crítica às propostas de igualdade de liberais brancos, representado de forma mais expressiva por Malcolm X. Toma-se como título para os subtópicos os termos *Negro revolution* (revolução dos negros) e *Black revolution* (revolução negra), termos utilizados politicamente pelo próprio Malcolm X para diferenciar os movimentos de acordo com suas concepções sobre ambos os lados.

1.1.3.1 Negro revolution

Em 1º de dezembro de 1955 na cidade de Montgomery, estado do Alabama, a costureira Rosa Parks, sentada em um banco de ônibus que permitia a presença de pessoas negras. Devido à lotação do veículo, foi ordenada a se levantar para que um indivíduo branco pudesse ocupar o seu lugar. Ao se recusar, Rosa foi presa e multada. Liberada sob fiança, o caso da costureira de Montgomery foi procurado pela NAACP para desafiar a segregação a partir do meio jurídico. Foi organizado, a partir da produção e entrega de panfletos, um boicote à rede de ônibus em protesto à prisão e julgamento de Parks. Para liderar o movimento que na primeira reunião contou com mais de 5 mil participantes e teve como consequência a adesão de mais de 30 mil pessoas, foi indicado um pastor de 26 anos, recém chegado na cidade, Martin Luther King Jr. (Davidson, 2023, p. 272).

A abordagem desse líder, que a partir dessa atuação ganharia projeção nacional na luta pelos direitos civis, foi baseada na não violência. Segundo o que King escreve em seu primeiro livro “Stride Toward Freedom: The Montgomery Story” (Passo a Passo Rumo à Liberdade: A História de Montgomery), onde realiza um relato sobre os eventos sucedidos em

dezembro de 1955, foi na universidade que ele amadureceu sua filosofia a partir do contato com as ideias de Gandhi durante o processo de Independência da Índia (King, 1958, p. 97).

Nesse sentido, é importante definir o que King pretendia com uma abordagem não violenta. O pastor definia que “o verdadeiro pacifismo não é não resistir ao mal, mas resistir de forma não violenta ao mal” (King, 1958, p. 98). Portanto, King não propõe não agir, mas agir corajosamente sem ser fisicamente agressivo contra seu oponente em uma atuação que busque a tomada de consciência do opressor sobre a iniquidade de suas práticas.

Além disso, a formação teológica de King possibilita a formação de uma relação da filosofia da não violência com elementos espirituais. Ao final do capítulo em que aborda a resistência não violenta, King faz uma associação entre a luta por justiça de forma não violenta, com a justiça divina das forças criadoras (sejam cristãs, como a sua crença, ou outras) (King, 1958, p. 107).

Na prática, a não violência de King se manifestou na forma de desobediência civil, que se tornou uma das formas predominantes na luta por direitos civis em organizações como o CORE, a SCLC, e o SNCC. Davidson (2023, p. 274) traz como exemplo dessas práticas a ocupação de cadeiras em lanchonetes segregadas por indivíduos negros. Zinn (2013, p. 451), na mesma lógica, define os acontecimentos de Montgomery como um prelúdio do

“estilo e tom de vastos protestos que iriam varrer o Sul nos próximos dez anos: encontros emocionantes em igrejas, hinos cristãos adaptados às lutas atuais, referências à ideais americanos perdidos, o compromisso com a não violência, a disposição de lutar e sacrificar” (Tradução nossa)

Dessa forma, presencia-se com a ascensão de Luther King a uma posição proeminente nos movimentos dos direitos civis, uma difusão de suas formas de agir na busca por igualdade racial. A partir de suas práticas que visavam a integração entre brancos e negros, King acumulou seguidores e apoiadores de ambos os lados do conflito. Segundo o National Parks Service, órgão oficial responsável por locais de interesse histórico nos EUA, entre os mais de 200 mil indivíduos que estiveram em frente ao Lincoln Memorial na Marcha de Washington em 28 de agosto de 1963, onde King proferiu seu discurso “I have a dream” (Eu tenho um sonho), cerca de 60 mil eram pessoas brancas.⁴

⁴ Informação obtida através de artigo publicado no site governamental do National Park Service, disponível em: <<https://www.nps.gov/articles/march-on-washington.htm>>

Figura 2 – Multidão ao redor do Lincoln Memorial na Marcha de Washington em 1963



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_sobre_Washington

Contudo, as ideias integracionistas e pacifistas de King não são, obviamente, aceitas pelas pessoas brancas, nem pela comunidade negra de forma homogênea. Segundo Zinn (2013, p. 452), o próprio presidente local da NAACP em Monroe, na Carolina do Norte, Robert Williams, dois anos após o boicote em Montgomery, declarou que “em seu ponto de vista, negros deveriam defender a si mesmos contra a violência, com armas se necessário”. Essa perspectiva vai enunciar uma nova forma de oposição à segregação racial que toma como princípio básico o direito constitucional de autodefesa de qualquer cidadão estadunidense.

1.1.3.2 Black Revolution

Malcolm Little, nascido em Omaha em 1925, é talvez o nome mais conhecido quando se parte para os estudos dos movimentos de autodefesa que possuem como filosofia o nacionalismo negro. Preso aos 21 anos, Malcolm teve contato e se converteu à Nação do Islã, um grupo religioso negro de caráter não-integracionista (Davidson, 2023, p. 279), adotando o nome Malcolm X. Após tornar-se um dos líderes mais importantes do movimento, Malcolm deixa a Nação do Islã em 1964, devido a conflitos internos envolvendo o principal líder da organização, Elijah Muhammad (Clark, 1992, p.15).

Em 2021 e 2025, são publicadas em português pela Ubu Editora, duas coletâneas de discursos, textos e entrevistas do militante após sua saída da Nação do Islã em 1964. Esses textos trazem à tona as propostas e projetos que Malcolm X apresentava à população negra nos anos que antecederam seu assassinato em 1965. Entre essas ideias que atravessavam seus discursos, pretende-se apresentar duas que são fundamentais: a necessidade de internacionalização da luta por direitos civis, e a autodefesa.

Quando propunha a internacionalização da luta por direitos civis, Malcolm atuava em duas frentes distintas. A partir de viagens realizadas no continente africano, ele buscou aproximar o movimento dos direitos civis às perspectivas e objetivos do pan-africanismo. Em carta escrita em Acra, Gana, em 11 de março de 1964⁵, ele descreve a necessidade de integrar afro-americanos com as demais populações africanas do mundo em uma busca por “regressar à África filosófica e culturalmente” (Malcolm, 2025, p. 95). Assim, a primeira dessas frentes buscou apresentar o caso do negro estadunidense para o mundo africano e gerar simpatia pela causa dos Direitos Civis. Essa construção de um pensamento mais abrangente, que considerava olhar para outras experiências de resistência negra pelo mundo, foi acompanhada por uma modificação da filosofia política de Malcolm. Portanto, o nacionalismo negro que inicialmente propunha a necessidade de autodeterminação e autocontrole dos negros em suas vidas, passa, a partir do contato com movimentos revolucionários do norte do continente africano a repensar suas propostas.

O segundo movimento que Malcolm executa, é na tentativa de, a partir da conquista da identificação entre os afro-americanos e africanos, tornar o movimento pelos direitos civis um movimento relacionado aos direitos humanos, com a esperança da tomada de posicionamento da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o assunto em favor dos negros estadunidenses. Essa ação é uma resposta à crença de falência da capacidade de solução interna do problema do negro nos Estados Unidos. Em um discurso dado ao Fórum Trabalhista Militante em 8 de abril de 1964⁶ Malcolm (2021, p.81) retoma essa questão dizendo “Tio Sam faliu quando precisou criar consciência – impossível que Tio Sam resolva o problema de 22 milhões de negros nesse país”.

Assim, nota-se aqui um ponto intenso de divergências com os movimentos não violentos. Malcolm não vê mais perspectivas de unidade entre a população negra e as instituições brancas. Sua abordagem escancara a ruptura entre esses sujeitos que foi realizada a partir de um processo violento que criou um antagonismo na sociedade estadunidense. São,

⁵ Carta disponível na íntegra no livro Malcolm X fala, publicado pela Ubu Editora em 2021.

⁶ Discurso disponível na íntegra no livro “Malcolm X fala” publicado pela Ubu Editora em 2021

portanto, na visão de Malcolm, irreconciliáveis. Não há, segundo Malcolm (2021, p. 81), como esperar que um sistema que se constituiu na exploração dos afro-americanos, advogue em defesa dos explorados.

Por fim, a autodefesa é um elemento central na forma de resistência proposta por Malcolm X. Em 28 de junho de 1964, no evento de fundação da Organização da Unidade Afro-Americana (OAAU), organização de caráter laico proposta por Malcolm, o ativista fez a leitura da declaração de metas e objetivos na qual o segundo ponto, intitulado “autodefesa” começava da seguinte forma:

Como a autopreservação é a primeira lei da natureza, afirmamos o direito do afro-americano à autodefesa. A Constituição dos Estados Unidos da América claramente afirma o direito de todo cidadão americano portar armas. E, como americanos, não vamos abrir mão de um único direito garantido pela Constituição. A história de violência impune contra o nosso povo claramente indica que precisamos estar preparados para nos defender ou então continuar a ser um povo indefeso à mercê de uma turba racista implacável e violenta⁷ (Malcolm, 2025, p. 75 e 76).

Entende-se, portanto, a proposta de Malcolm sobre esse assunto como a reivindicação de um direito constitucional garantido a todo cidadão estadunidense, mas negado à população negra como forma de resistência à violência sofrida. Nesse sentido, a busca pela possibilidade de autodefesa não pode ser confundida com uma prática violenta. É preciso que se compreenda que a diferença que esse pensamento possui com aquilo que pregava Martin Luther King é que ao invés de “virar a face” ao receber a agressão do branco, é necessário responder ao golpe. Desse modo, não há uma sugestão a uma conduta violenta, mas uma denúncia da violência sofrida e da incapacidade do cidadão negro de defender-se dela quando o Estado não o fazia.

1.1.4 Resultados

Com a intensificação das lutas coletivas pelos direitos civis a partir de 1955, o congresso estadunidense passou a reagir. A grande difusão dos movimentos, que somente entre os meses de junho e agosto de 1963 somaram 1.412 manifestações distintas, somada à difusão televisiva da violência empregada no controle desses movimentos, como foi o caso em Birmingham em abril de 1963, obrigaram o governo a agir (Karnal, 2025, p. 245).

Antes de partir para a promulgação de leis antirracistas, o governo empreendeu tentativas de mudar o foco dos acontecimentos. Davidson (2023, p. 274) utiliza como

⁷ Trecho retirado do livro “Malcolm X: Custe o que custar” (2025) publicado pela Ubu Editora que apresenta o discurso de fundação da OAAU realizado por Malcolm em 28 de junho de 1964 na íntegra.

exemplo o encorajamento aos líderes negros feito pelo procurador geral Robert Kennedy a se dedicarem mais em registrar os afro americanos para votar do que em integrar espaços segregados. A intensificação dos conflitos decorrente dessa movimentação está no próprio significado da democratização do voto para a população negra nesse contexto. Ture e Hamilton (2021, p. 135) definem o voto como um sinônimo da independência negra, pois é por meio dele que a autonomia política seria conquistada.

A reação da classe dominante é violenta e a resposta a ela são acontecimentos como a massificação dos protestos em Birmingham em abril de 1963, a Marcha de Washington em agosto do mesmo ano e o aumento da pressão por uma tomada de ação do governo nacional. Portanto, é como resultado dos movimentos executados pela população negra em mais de um século de um longo pós-abolição que se promulgam as Leis dos Direitos Civis, a primeira delas ainda em 1957 (que cria um órgão específico, a Comissão de Direitos Civis dos EUA para tratar das questões relacionadas aos Direitos Civis), seguida pela de 1960, de impacto limitado, e as mais representativas de 1964 (Lei que proibiu a segregação racial e a discriminação por raça, cor, religião, sexo ou origem nacional) e 1965 (Lei do Direito ao Voto).⁸

Por conseguinte, as mudanças legislativas ocorridas na segunda metade do século XX não podem ser lidas como uma concessão à população negra, mas como resultado direto de diversas formas de resistência e busca por igualdade. Na sequência, pretende-se demonstrar como o esporte se insere como uma chave de leitura para o estudo desse processo.

⁸ Informação obtida através de artigo publicado no site governamental do National Park Service, disponível em: <<https://www.nps.gov/subjects/civilrights/modern-civil-rights-movement.htm>>

2 HISTÓRIA DO BASQUETEBOL E ESTUDOS EM HISTÓRIA DO ESPORTE

2.1 POR QUE O BASQUETE É RELEVANTE PARA O ESTUDO?

Em seu clássico “O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes” (2011, p. 192), Norbert Elias define os esportes, no caso do Boxe, como um processo de moderação e humanização dos impulsos de agressividade e crueldade. Além disso, em seu trabalho conjunto com Dunning, “A Busca da Excitação” (1992, p.42), o autor apresenta como o desenvolvimento de regras nas competições e práticas esportivas acompanha essa necessidade de minimizar a violência, em um processo de avanço civilizacional (p.43).

Logo, ao propor uma leitura da sociedade a partir do esporte, esse estudo se alinha às concepções clássicas da função social do esporte, compreendendo as práticas corporais institucionalizadas (Melo, 2010, p. 24) como parte integrante e importante da civilização moderna. Entende-se, portanto, que mais que um resultado das sociedades em que surge, o esporte passa a se portar como um espaço dotado de papéis e funções sociais.

Além dessa definição inicial apresentada por Elias, portanto, é preciso compreender o esporte como algo que não deve ser entendido apenas como um produto do processo de civilização humana, mas também uma importante influência nos rumos das sociedades. Helal (2000, p. 10), nesse sentido, a partir de um estudo das representações das modalidades esportivas no cinema nos Estados Unidos, mostra outras relações que o esporte estabelece com a sociedade e seus indivíduos. Segundo o autor (Helal, 2000, p.10), as práticas esportivas, cada uma em sua especificidade, vão ter relações com sentimentos, memória, identidade coletiva e individual e criação de narrativas.

Em um trabalho construído no mesmo sentido, articulando Cinema e História do Esporte, Amaro e Helal defendem (2011, p. 2), no caso do rugby e do apartheid na África do Sul, que na “construção identitária da nação sul-africana é o esporte o verdadeiro protagonista. Ele é o meio pelo qual o objetivo político-social de Mandela se concretiza.” Assim, as atividades esportivas profissionais se materializam como um conjunto de espaços com grande potencial de usos políticos e, conseqüentemente, de mudanças ou permanências na sociedade.

Logo, além de usos políticos e identitários, as práticas esportivas institucionalizadas começaram, principalmente a partir da década de 70, a integrar o mercado financeiro mundial. Ao se tornar um produto comercializável, as diferentes modalidades e suas instituições organizadoras passaram a exercer grande força econômica, concentrando uma grande

quantidade de capital referente à exibição, produtos, patrocínios, salários, entre outros bens materiais e serviços (Júnior e Sigoli, 2004, p.118).

Por fim, vale salientar que o esporte carrega profundo valor histórico, sendo um importante vetor dos acontecimentos ao longo do tempo em uma sociedade. Os jogos Olímpicos de Verão de 1936 realizados em Berlim, por exemplo, foram marcados pelas tentativas de uso político do esporte devido aos interesses propagandistas do partido nazista alemão. Júnior e Sigoli (2004, p. 119), nessa perspectiva, colocam que fatos como esse “demonstram uma influência direta dos acontecimentos da sociedade no âmbito esportivo e se devem à neutralidade interna do esporte, que não produz ideologia própria e se torna suscetível à instrumentalização da sociedade”. Ou seja, o esporte é intrinsecamente ligado ao que acontece ao seu redor, além de representar possibilidades de interação com esse meio.

O basquete não escapa dessa lógica. O seu desenvolvimento e criação ocorreram no mesmo contexto em que mudanças significativas estavam acontecendo dentro da sociedade estadunidense explicitadas no capítulo anterior. Nascido no final do século XIX, ele vai acompanhar e responder aos acontecimentos envolvendo questões sociais, econômicas e raciais, sendo um elemento muito importante quando se tenta ler a história dos EUA.

O basquetebol surge como um esporte branco, ligado à formação universitária e atravessado pelas estruturas segregacionistas estadunidenses. A atuação negra dentro do esporte, quando ele se torna profissional, é marcada por casos pontuais integracionistas que vivenciavam fragilidade financeira e preconceito racial, ou casos exclusivamente segregados. Com a intensificação das lutas pelo fim da segregação racial nos anos 50 e 60, o basquete também passa a ser ocupado e mobilizado como um espaço de lutas e reivindicações raciais.

Sob essa perspectiva, entender a formação da modalidade enquanto um esporte profissional organizado ao redor de uma instituição centralizadora (NBA), também significa analisar os contextos históricos e espaciais em que ele estava inserido, bem como a forma que ele interage com esses contextos. O presente capítulo tem como foco justamente demonstrar como essa relação se dá, articulando o desenvolvimento dessa prática esportiva com os estudos teóricos em História do Esporte. Como resultado, espera-se demonstrar que o basquetebol é um espaço que deve ser considerado quando se busca entender a sociedade estadunidense, visto que ele exerce um importante papel político e econômico, além de fazer parte da memória e da identidade estadunidenses.

2.2 ORIGEM E HISTÓRIA DO BASQUETEBOL PROFISSIONAL

No dia 19 de junho de 2016 se encontraram na Oracle Arena, em Oakland, Califórnia, as equipes do Cleveland Cavaliers e do Golden State Warriors para disputarem o último jogo de uma série de 7, que daria ao vencedor o título da NBA. Ambas as equipes chegaram à partida tendo somado 610 pontos nas seis partidas anteriores, desenvolvendo jogos muito equilibrados. O jogo foi vencido pelo Cavaliers por 93 a 89, e pela primeira vez na história das Finais da NBA, um time que esteve perdendo uma série de 3 jogos a 1 conseguiu estabelecer uma virada. Entre lances históricos, como “O Bloqueio” de LeBron James⁹ e a cesta de três pontos de Kyrie Irving nos minutos finais da partida, foi uma partida memorável para todos os fãs. Além disso, foi o Jogo 7 mais assistido da história da NBA, somando mais de 31 milhões de telespectadores e 19.596 pessoas em loco.

Na atualidade, a NBA conta com 30 equipes que possuem um valor médio de 5 bilhões de dólares cada uma, contratos milionários de transmissão e patrocínio, atletas com salários que superam 50 milhões de dólares por ano. A principal liga de basquetebol profissional do mundo teve, em 2025, uma receita de 12,5 bilhões de dólares e as estimativas indicam um crescimento ainda maior para os próximos anos.

Quem olha para esse empreendimento multi-bilionário não reconheceria o esporte que nasceu em Springfield, Massachusetts, na Young Men’s Christian Association (YMCA), uma escola de treinamento, 125 anos antes do embate entre o Warriors e o Cavaliers em 2016. A partir do livro “Hoop Lore: a history of the National Basketball Association”, publicado pela primeira vez em 1956, Connie Kirchberg, faz o exercício de narrar a história do esporte da bola laranja. Segundo ele (2007, p. 7), a primeira partida de basquete foi realizada em 21 de dezembro de 1891, com a organização de James Naismith, um ex-estudante de teologia canadense, que devido à sua crença de que “a chave para construir caráter moral forte repousa na rigorosa competição dos esportes”, muda sua formação para Educação Física.

Quando se tornou professor do programa de Educação Física do YMCA, Naismith se deparou com um problema relacionado ao treinamento dos estudantes. Com o fim da primeira temporada de futebol americano da universidade em que trabalhava e a chegada das estações mais frias do ano, os professores encontravam dificuldades de manter os estudantes motivados com os treinamentos em locais fechados. As diversas tentativas de engajar os

⁹ “O Bloqueio” foi uma jogada realizada por LeBron James nas finais de 2016 em que ele intercepta um arremesso de Andre Iguodala, ala do Golden State Warriors, em um momento decisivo da partida. Graças a essa jogada defensiva, o Cleveland Cavaliers virou a partida e se consagrou campeão. Esse momento do jogo ficou marcado na carreira de LeBron James, reconhecido como um dos maiores jogadores de todos os tempos.

estudantes resultaram na atribuição a Naismith da responsabilidade de produzir uma nova atividade (Kirchberg, 2007, p. 9).

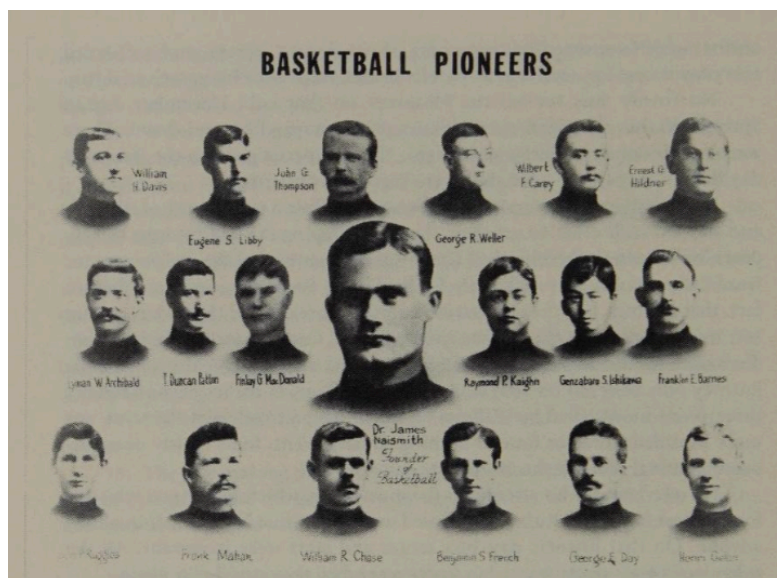
O resultado desenvolvido por Naismith, após considerar as limitações que um espaço fechado trazia, consistiu em pendurar dois cestos de pêssegos vazios em pilares a 10 pés de altura (3,05 metros) e o objetivo, para os nove atletas em cada equipe, de lançarem uma bola (nesse caso de futebol) dentro do cesto da equipe adversária (Kirchberg, 2007, p. 13). Com 13 regras iniciais, o jogo visava o mínimo de contato possível, a fim de evitar lesões. A primeira partida de basquetebol, realizada em uma aula de Educação Física, foi um sucesso inesperado. Segundo Kirchberg (2007, p. 15)

No one knows who attempted the most shots, which player was whistled for the most fouls, or if Rule 5 was abused to a point that Naismith disqualified anyone. On that historic day, box scores and stats were irrelevant. All the exhausted participants wanted to know was when they could play again.

Não se sabe quem tentou a maior quantidade de arremessos, qual jogador realizou a maior quantidade de faltas, ou se a Regra 5 foi abusada a ponto de Naismith remover alguém da partida. Naquele dia histórico, placares e estatísticas foram irrelevantes. Todos os participantes exaustos só queriam saber quando poderiam jogar novamente. (Tradução nossa).

Dias depois, as aulas do professor Naismith já contavam com arquibancadas de 200 lugares para interessados prestigiarem as partidas. Em janeiro de 1892, por meio do jornal escolar “*The Triangle*”, estudantes espalhados por todo o país conheceram e passaram a praticar o esporte que agora passava a ser conhecido como Basketball (Kirchberg, 2007, p. 16).

Figura 3 – Estudantes que integraram o primeiro jogo de basquetebol da história em dezembro de 1891



Fonte: Hoop Lore: a history of the National Basketball Association, 2007, p. 16

Em 1892, Naismith publica o primeiro manual de regras e regulamentos do seu jogo que evoluía de forma rápida. Em 1894, James se afastou da organização do basquete após casar-se. Porém, a regularização do esporte já vinha sendo impossível de lidar para somente uma pessoa. Surge, portanto, o Basketball Co-Operating Committee (Comitê de Cooperação do Basquetebol), primeira organização neutra para reger o esporte. Posteriormente em 1896 a Athletic Union of America (AAU) assumiu o controle (Kirchberg, 2007, p. 18).

Com o tempo e a evolução do jogo, regras e equipamentos mudaram. Em 1894, a primeira bola para o basquete foi criada e em 1895 as tabelas que ficam atrás das cestas foram introduzidas. Em 1896 foi a primeira vez que uma equipe, os Trentons, receberam pagamentos por jogarem basquetebol. Surgiram as primeiras partidas organizadas com cobrança de ingressos, até que em 1898, a partir das visíveis possibilidades de lucro que o basquete apresentava, surge a National Basketball League (Liga Nacional de Basquetebol) (NBL), primeira competição profissional organizada com a participação de seis equipes (Kirchberg, 2007, p. 23).

Isso inaugura uma série de tentativas em tornar o basquetebol uma prática profissional e remunerada como a Central League e a Eastern League. Além disso, o basquetebol universitário passou a ser organizado por meio da National Collegiate Athletic Association (NCAA), criada em 1910, instituição que mantém o mesmo nome até os dias atuais. As equipes profissionais, devido às dificuldades de arrecadação de lucros, segundo Kirchberg

(2007, p. 30), possuíam um tempo de vida curto. Em 1925, porém, é fundada a partir da figura de Joseph F. Carr, presidente da National Football League (NFL) a American Basketball League (ABL). A nova liga tinha como objetivo trazer um teor “nacional” ao basquete, com regras universais e maior abrangência geográfica. Ela contou com nove times inicialmente e um calendário de 30 jogos (Kirchberg 2007, p. 41).

Com o passar dos anos a hegemonia do basquetebol profissional ficou à cargo de duas ligas distintas: uma nova NBL, surgida em 1937 e a Basketball Association of America (BAA), fundada em 1946. O sucesso financeiro da BAA gerava um interesse cada vez maior dos donos das equipes da NBL, que no final dos anos 40 enfrentavam duros problemas financeiros. Assim, após 53 anos de disputas entre diferentes organizações, em 3 de agosto de 1949, surgiu a National Basketball Association (NBA), como resultado de uma fusão entre as duas grandes ligas que passou a ser a grande referência para o basquetebol profissional. Após as primeiras duas temporadas, a liga já contava com 10 times.

2.3 A NBA NOS ANOS 50 E 60

O basquete profissional estadunidense, portanto, no recorte dos anos 50 e 60, que são o foco deste estudo, está em um momento de transição. A NBA buscava, com seu estabelecimento, ressignificar o papel de uma liga profissional do esporte criado pelo Dr. Naismith. É nesse período que se constroem as bases do espetáculo esportivo, midiático e financeiro que foi vivenciado nas Finais de 2016 e se manteve até os dias atuais. Portanto, o nascimento da NBA em 1949, abriu as portas para a consolidação de uma instituição mais estável, mais moderna e com mais possibilidades de gerar lucros.

A proposta de análise deste período consiste em três pontos fundamentais: a nova forma de organização das equipes e o surgimento das primeiras dinastias; a comercialização do jogo a partir da criação de narrativas e de super-estrelas; as novas propostas e objetivos econômicos da liga.

Antes da junção entre a BAA e a NBL, a grande estrela do basquetebol era George Mikan, um gigante de 2,08 metros que atuava pelo Minneapolis Lakers (NBL). Com o fim da sua carreira, a primeira grande dinastia do basquetebol encerrou sua sequência de cinco títulos em seis temporadas disputadas em 1955-56 (Kirchberg, 2007, p. 78). Entretanto, apesar do Lakers serem o primeiro time a acumular títulos consecutivos, é com a ascensão do Boston Celtics que pode-se falar em uma nova arquitetura das equipes. O grande nome nesse processo foi o lendário treinador Red Auerbach, que além dos 16 anos como treinador principal (1950-1966), integrou até sua morte em 2006 o alto escalão executivo da equipe.

Ao assumir a equipe, Auerbach passou a incentivar o foco na conquista de títulos pelo Celtics. Um exemplo disso é trazido por Kirchberg (2007, p. 79) ao apresentar a decisão contraditória do treinador em não recrutar o maior nome do basquetebol universitário, Bob Cousy, para o time apesar da pressão popular. De acordo com o autor, Red declarava que “Supostamente eu deveria vencer, não ir atrás de caipiras locais” (tradução nossa).

Além dessa nova forma de conceber o jogo como parte de um objetivo maior, e da nova forma de construir equipes para vencer, os times da NBA passaram a tentar se mostrar como organizações estáveis e que demonstrassem confiança a investidores. O reflexo disso foi que no início dos 60, após 10 anos de atividade da liga, somente um time havia encerrado suas atividades. Também, a liga aumentou seu número de jogos de 60 para 82 em 1961-62, o que demonstrou estabilidade financeira. As partidas contavam com público cada vez maior e o jogo se tornava mais moderno e dinâmico¹⁰.

Essa confiabilidade que a NBA passa a demonstrar a partir de 1950 é acompanhada por uma maior receita, proveniente nos anos 50 principalmente de valores arrecadados com ingressos presenciais e, posteriormente, com a formalização de contratos para transmissões televisivas dos jogos. Com sua estabilização enquanto um negócio que tem como princípio fundamental a geração de lucro, a NBA e suas equipes passam a explorar formas de gerar maior engajamento e renda de suas iniciativas, além de irem atrás de novos mercados. Em 1969, a liga já contava com 14 times. Entre essas estratégias estão a construção de narrativas e a formação da imagem de super-estrelas.

É com a chegada de Wilt Chamberlain ao Philadelphia Warriors que a liga presencia o nascimento de sua primeira super-estrela, vendida e produzida como tal. Outros antecederam Wilt, como Cousy e o próprio Bill Russell, mas é com sua primeira participação em um jogo oficial que Kirchberg (2007, p. 97) vai definir a chegada de uma nova era no basquetebol, em que “felizmente, para a maioria dos donos de times, conquistar um título mundial¹¹ não é a única forma de ser coroado como um vencedor nas bilheteria”.

Wilt “the Stilt” foi o primeiro jogador da NBA a ser “escolhido” para uma equipe antes mesmo de entrar na universidade pelo Warriors de acordo com a Territorial Rule, que

¹⁰ Em 1954, com o objetivo de tornar o jogo mais rápido e dinâmico, o dono da equipe Syracuse Nationals propôs a regra dos 24 segundos de posse de bola, dando fim às jogadas infundáveis e limitando cada ataque a um tempo máximo de 24 segundos. O relógio de posse de bola só seria reiniciado em caso de troca da posse da bola pelas equipes ou caso a bola tocasse o aro em um arremesso. A sugestão foi acatada pela NBA, o que resultou em um interesse maior do público em assistir jogos profissionais.

¹¹ Apesar de ser uma liga nacional, até na contemporaneidade as equipes de basquetebol que vencem o título da temporada se autodenominam campeões mundiais de basquetebol. A justificativa de atletas e dirigentes é que a NBA concentra os maiores talentos do esporte, sendo uma liga que permite a participação de jogadores de outras nacionalidades, além de possuir uma franquia fora dos Estados Unidos da América, no Canadá (Toronto Raptors).

permitia que equipes requisitassem os direitos de um jogador de acordo com a região de sua universidade. Como o Kansas, estado onde Wilt jogava (Universidade de Kansas) não possuía um time profissional, o Philadelphia Warriors apelou para a naturalidade do atleta como argumento para adquiri-lo.

Por conta de seu atletismo e talento para o basquete, Wilt gerou diversas mudanças de regras no basquetebol universitário, que se refletiram na NBA, visto que privilegiavam sua forma de jogar. Para Philadelphia, Chamberlain foi a solução para os problemas de custo de manter uma franquia da NBA, gerando grande procura por ingressos para prestigiar aquele que em seu primeiro ano de basquetebol profissional já foi eleito melhor novato (*Rookie of the year*) e melhor jogador (*Most Valuable Player*).

Outras equipes seguiram o mesmo exemplo dos Warriors, e tornaram jogadores as “caras” de suas equipes em busca do aumento de frequência de espectadores em suas partidas:

Over in Philadelphia, the name of the game was Wilt the Stilt. Chamberlain led the league in rebounding and averaged more points than three of Boston's starters combined. The Big O (Oscar Robertson) was tearing up the record books in Cincinnati, consistently placing among the league's best in scoring, rebounding, and assists. The revitalized West Coast Lakers features the league's best scoring duo in Jerry West and Elgin Baylor, while St. Louis had one of the NBA's top floor generals in Lenny Wilkens (Kirchberg 2007, p. 97)

Em Filadélfia, o nome do jogo era Wilt, the Stilt. Chamberlain liderou a liga em rebotes e teve média de pontos maior que três dos titulares de Boston. The Big O (Oscar Robertson) estava quebrando recordes em Cincinnati, constantemente se pondo entre os melhores da liga em pontuação, rebotes e assistências. O revitalizado Lakers da Costa Oeste estrelava a melhor dupla de pontuadores da liga com Jerry West e Elgin Baylor, enquanto o St. Louis tinha um dos melhores organizadores de quadra com Lenny Wilkens (Tradução nossa).

A construção quase mitológica desses atletas se liga à uma necessidade de gerar interesse no basquetebol praticado na NBA. Ou seja, o jogo em si não é mais o principal motivo para os fãs assistirem, mas uma das partes que compõem o espetáculo que nas décadas de 80 e 90 vai ser conhecido como “O maior espetáculo da Terra” (Kirchberg 2007, p. 181). Além de utilizar a presença física dos seus grandes atletas para mobilizar os fãs, a liga passou a manipular e construir narrativas que tornavam o jogo mais interessante. Isso não quer dizer que as partidas e campeonatos não eram legitimamente disputados, mas que havia uma nova forma de vender o que estava acontecendo nas quadras.

O treinador do Boston Celtics, por exemplo, conforme exhibe o documentário “Celtics City” (2025), ficou conhecidíssimo por acender um charuto em meio aos jogos, quando tinha certeza que seu time havia dominado o adversário. Quando o Celtics se consagrou campeão pela sétima vez consecutiva, o New York Times dá destaque a essa prática em uma matéria do

dia 26 de abril de 1965 com o título “Celtics Beat Lakers, 129 - 96, and Take Record 7th Straight N.B.A. Title”. Segundo o jornal

Auerbach, o treinador de basquetebol profissional mais bem sucedido, acendeu seu charuto da vitória com oito minutos restantes na partida, arremessou um punhado de charutos para os fãs sentados atrás do banco de reservas e sorriu durante quase todo o resto do jogo.

Nesse sentido, a grande narrativa criada nesse momento foi a rivalidade entre Bill Russell e Wilt Chamberlain. Segundo Rubinoff (2023, p.22), ao falar sobre Russell enquanto um modelo de ícone cultural, “a sua rivalidade com Wilt Chamberlain definiu o basquetebol, trazendo reconhecimento para o esporte” (Tradução nossa). Com mais de 140 partidas disputadas entre os atletas ao longo de suas carreiras, a representação de seus embates superava, em alguns casos, a importância dos jogos que disputavam. Em matéria do dia 21 de março de 1966 sob o título “Chamberlain Rises to Challenge Of Team Play With Philadelphia, o New York Times utilizou o termo “nemesis” para se referir ao significado de Russell para a carreira de Chamberlain.

Figura 4 – Duelo entre Bill Russell e Wilt Chamberlain



Fonte: <https://bleacherreport.com/articles/450703-the-greatest-debate-in-nba-history-wilt-the-stilt-or-bill-russell>

A estabilidade financeira das franquias, somada à maior arrecadação de recursos devido à confiabilidade da instituição para investimentos financeiros e à presença de público maior proveniente da modernização do esporte e do aumento do valor simbólico dos jogadores (super-estrelas), resultam no advento de uma nova era econômica para a NBA. Nas primeiras experiências profissionais do basquetebol, diz Kirchberg (2007, p. 24), os pagamentos para atletas no início do século XX, quando existiam, giravam em torno de 40 dólares por semana. Bill Russell, ao final de sua carreira, recebeu mais de 100 mil dólares anuais, uma fortuna para a época. Ou seja, é um novo momento para o basquete profissional, no qual as cifras financeiras aumentam, a carreira dos atletas se torna mais sólida e prestigiosa e as equipes possuem mais formas de garantir a permanência de suas atividades.

2.4 A NBA E O PROBLEMA RACIAL NOS EUA

Além das mudanças estruturais e financeiras que a NBA proporcionou ao basquetebol profissional, a sua fundação inaugura a possibilidade de participação de atletas negros na Liga. Apesar da existência do Harlem Globetrotters e do New York Renaissance como equipe exclusivamente negra, é com a NBA que atletas negros vão poder integrar equipes racialmente integradas. Entretanto, é importante ressaltar que a presença negra em esportes com predominância branca não é algo novo nos Estados Unidos.

Segundo Thomas (2002, p. 4) setenta e três jogadores negros participaram de ligas de basquetebol profissionais antes de 1950. O autor ainda destaca o começo dessa trajetória citando o nome de Bucky Lew, um jovem de dezoito anos, que em 07 de novembro de 1902, atuou pela equipe Pawtucketville Athletic Club, da cidade de Lowell em Massachusetts, pela New England Basketball League. Thomas (2002, p. 4 e 5) ainda traz um trecho de um depoimento dado por Lew aos 74 anos sobre essa experiência em que o ex-atleta destaca:

I went in there and you know ... all those things you read about Jackie Robinson, the abuse, the name-calling, extra effort to put him down ... they're all true. I got the same treatment and even worse. Basketball was a rough game then. I took the bumps, the elbows in the gut, knees here and everything else that went with it. But I gave it right back. It was rough but worth it.

Eu entrei lá e você sabe ... todas aquelas coisas que você lê sobre Jackie Robinson, o abuso, os xingamentos, o esforço extra para derrubá-lo ... é tudo verdade. Eu tive o mesmo tratamento e até pior. O Basquetebol era um jogo duro naquele tempo. Eu recebi os empurrões, as cotoveladas na barriga, as joelhadas aqui e tudo que veio junto com elas. Mas eu retribuí da mesma forma. Foi duro mas valeu a pena. (Tradução nossa).

Assim, a presença negra nos anos iniciais da NBA não surge do acaso, ela é o resultado de décadas de enfrentamento às barreiras que a raça impunha aos atletas negros em

uma sociedade marcada pelo racismo e pela segregação. A integração às ligas brancas, porém, era agonizantemente lenta e pouquíssimos negros podiam viver exclusivamente do esporte (Thomas, 2002, p. 6). Em 1923 e 1926 surgem, respectivamente, as equipes New York Renaissance, ou Rens, e o Harlem Globetrotters, equipes exclusivamente negras que viajavam o país participando de partidas contra outras equipes. Ambos esses times foram muito bem sucedidos, sendo reconhecidos no Hall da Fama do Basquetebol.

Portanto, é possível notar que a presença negra no basquetebol já era uma realidade antes de 1950. Contudo, além de ser marginalizada, como é notável no caso de Lew, ela é estruturalmente segregada (Rens e Globetrotters). Chuck Cooper, o primeiro jogador negro draftado (escolhido) para a NBA, disse em entrevista à *Pittsburgh Magazine* que “O Harlem Globetrotters estavam por aí muito antes de mim [...] Então se eu era bom o bastante, muitos antes de mim eram igualmente bons” (Thomas, 2002, p. 49). Consequentemente, a NBA não inaugura a profissionalidade do negro no esporte, mas passa a integrar esses sujeitos em um espaço que almejava ser a principal instituição do esporte.

A história do negro na NBA começa com Chuck Cooper, que em 18 de Março de 1950 é escolhido pelo Boston Celtics para integrar a equipe. Na mesma noite, Earl Lloyd foi escolhido pelo Washington Capitols e em 31 de outubro do mesmo ano ele pisava na quadra como o primeiro homem negro a participar de uma partida de basquete da NBA. Na sequência, em 4 de novembro de 1950, Nathaniel “Sweetwater” Clifton assinou o primeiro contrato entre uma franquia da NBA e um jogador negro e estreou pelo New York Knickerbockers. Diferentemente dos dois primeiros, a origem profissional de Clifton com o Globetrotters auxiliou na sua introdução da liga, visto que já era conhecido e reconhecido internacionalmente (Thomas, 2002, p. 98).

Esses três grandes nomes comumente conhecidos como “pioneiros” negros do basquetebol abrem as portas para uma mudança estrutural da liga. Em um contexto de segregação racial e renovação da profissão do esporte, as reivindicações por igualdade racial se somam a uma busca por talentos que não reduzam as potencialidades dos atletas à cor de sua pele. Sobre isso Kirchberg (2007, p. 64) diz ser difícil mensurar o impacto que a integração de atletas negros teve na NBA a partir de 1950, ao mesmo tempo que a frequência dos fãs nos jogos crescia aos poucos, atletas negros continuavam a sofrer com o preconceito racial dentro e fora das quadras.

Consequentemente, é importante perceber que a possibilidade de acesso a uma liga profissional e que possibilitava financeiramente a dedicação exclusiva à prática do basquetebol não significou uma solução do problema da cor dentro do esporte. Os pioneiros, Lloyd,

Cooper e Clifton, são imensamente importantes por romper a barreira da cor e deixar abertos os caminhos para que outros galgassem os mesmos objetivos. Portanto, quando o problema racial entrou em contato com a NBA, seus efeitos foram semelhantes com o resto da sociedade. Ou seja, foi por meio de luta ativa, enfrentamento de preconceitos e barreiras que atletas negros puderam se igualar no protagonismo do basquetebol aos demais jogadores brancos.

2.5 BASQUETEBOL E IDENTIDADE NEGRA

Lippold (2011, p. 116), apresenta a diferenciação das representações construídas sobre as práticas esportivas a partir das relações que elas estabelecem com a racialização da sociedade. Dessa maneira, o autor diferencia os “esportes de negro” e “esportes de branco”. Para ele, o basquete teria sido construído como um esporte negro, ou seja, cria-se um estereótipo que associa a negritude à habilidade no basquetebol.

Porém, é importante compreender que isso não acontece do nada. Ogden e Hilt (2003) demonstram isso de forma exímia no trabalho “Collective Identity and Basketball: An Explanation for the Decreasing Number of African-Americans on America's Baseball Diamonds” (Identidade Coletiva e Basquetebol: Uma Explicação Sobre a Diminuição do Número de Afro-Americanos nos Campos de Beisebol Americanos). Ao longo do trabalho, os autores demonstram a diminuição histórica do número de fãs e atletas negros no beisebol profissional em contraste com a crescente presença negra na NBA e nas arquibancadas do basquetebol profissional. Em 2023, por exemplo, mais de 70 por cento dos atletas da NBA eram sujeitos negros¹². Em comparação com a frágil realidade apresentada na seção anterior, isso significa um aumento expressivo em um período de aproximadamente 70 anos.

Ainda no mesmo trabalho, Ogden e Hilt (2003, p. 216) demonstram que essa transição do beisebol para o basquete não é somente uma responsabilidade do primeiro desses esportes, mas uma capacidade que o segundo apresentou em construir uma identidade coletiva negra. Sobre isso, eles destacam (2003, p. 218):

In such a way, basketball becomes part of collective identity, influencing African-Americans' self-perception and the ways others perceive them. These personal images may perpetuate that collective identity and act as continual reinforcements of basketball's status in Black culture and the sports' part in the "racial label" for Blacks. Such racial labels, said Appiah (2000), mold identity, "the process through which an individual intentionally shapes her projects—including her plans for her own life and her conception of the good—by reference to available labels, available identities" (p. 608)

¹² adsdadfwqd https://en.wikipedia.org/wiki/Race_and_ethnicity_in_the_NBA

De certo modo, o basquetebol tornou-se parte de uma identidade coletiva, influenciando a percepção que os Afro-Americanos têm de si mesmos e as formas como outros os percebem. Essas imagens pessoais podem perpetuar as identidades coletivas e agir como reforçadores contínuos do status do basquetebol na cultura negra e no papel do esporte nos rótulos raciais colocados aos negros. Esses rótulos, diz Appiah (2000), moldam identidade, “o processo pelo qual um indivíduo intencionalmente dá forma aos seus projetos - incluindo seus planos para sua vida e sua concepção de bom - tomam como referência rótulos e identidades disponíveis” (p. 608). (Tradução nossa).

Ou seja, para a comunidade negra, o basquete não é apenas entretenimento, ele é parte da cultura e da identidade. Ogden e Hilt (2003) elencam diversos pontos para que essa modalidade esportiva assuma essa característica entre os quais são destacáveis para o objetivo desse trabalho: a possibilidade de ascensão social; a expressão do empoderamento; e a presença de “role models” (modelos de vida).

O primeiro ponto se refere fundamentalmente à esfera econômica e mostra que, ao longo do tempo, a presença negra dentro do basquetebol contribuiu para a construção dessa modalidade como uma possibilidade de mudança social para indivíduos negros. Ademais, além da carreira profissional, o basquetebol proporciona melhores oportunidades educacionais e, conseqüentemente, melhores perspectivas de futuro. Segundo Mackin e Walther (2011, p. 684), a prática esportiva aumenta o número de anos que atletas negros irão ter ao longo de suas vidas.

Já no segundo desses pontos (2003, p. 220) os autores argumentam que a partir da mídia de massas foi disseminada a ideia de que as quadras de basquetebol são santuários da resistência negra no território estadunidense. Dessa forma, por meio da televisão, das arquibancadas ou dos jornais, crianças, adolescentes e jovens negros vão presenciar outros sujeitos negros resistindo ao racismo e à desigualdade e, a partir daí, construirão suas próprias perspectivas sobre a sociedade.

Esse elemento, por fim, se articula com a presença de modelos, ou figuras exemplares, para jovens negros dentro do basquetebol, tornando-se fundamental na construção da identidade negra estadunidense. Assim, além de poderem presenciar a melhora das condições de vida de homens e mulheres negras pelo contato com o basquete profissional, crianças e jovens negras passam as suas vidas espelhando suas trajetórias nesses sujeitos. É com o reflexo desses atletas que eles irão definir o que querem vestir, como querem falar, como jogam, quem são.

Com o que foi apresentado na seção “A NBA e o problema racial nos EUA”, os primeiros atletas negros passam a integrar NBA em 1950. Esses primeiros pioneiros já podem ser pensados como o ponto de partida para pensar a forma como os atletas influenciam o

público. Nesse sentido, a partir do próximo capítulo, será apresentada a trajetória de Bill Russell, atleta negro do Boston Celtics. O capítulo terá como objetivo demonstrar como a atuação de Bill na NBA, enquanto uma das primeiras super-estrelas do basquetebol profissional, somada à sua atuação nos movimentos civis de busca pela igualdade e fim da segregação racial, o tornam um “role model”.

Dessa forma, procura-se demonstrar, a partir da experiência de Russell, como a atuação desses jogadores de basquetebol negros influencia a sociedade ao seu redor, define os rumos do basquetebol, tornando ele mais acessível à pessoas negras, e proporciona uma referência para a identidade negra.

3 BILL RUSSELL

Em 31 de julho de 2022, faleceu William Felton Russell, conhecido dentro do basquetebol como Bill Russell, atleta com maior quantidade de títulos na história da NBA, com 11 títulos. Em suas 13 temporadas no basquetebol profissional como membro do Boston Celtics, Russell acumulou 11 títulos e uma extensa lista de premiações individuais. Considerado um dos maiores atletas de todos os tempos da modalidade, sua morte aos 88 anos inaugurou uma série de homenagens em reconhecimento à sua notável carreira profissional e sua atuação para além dela. Quadras e camisas foram marcadas com o número 6, que posteriormente foi permanentemente aposentado da liga, não podendo ser vestido por nenhum atleta que não o utilizasse previamente.

Esse trabalho parte da hipótese que tal reconhecimento não se limita ao exímio talento e conquistas de “Big Bill” ao longo de sua carreira. Em toda sua vida, como pretende-se demonstrar, Russell foi um sujeito ativo em movimentos de luta por direitos civis da população negra estadunidense, frequentemente representado como um símbolo de superação e resistência. Nesse sentido, a sua atuação nas quadras celtas também representou um espaço utilizado pelo atleta para conquistar e usufruir de visibilidade para pautar suas reivindicações e lutas raciais que permeavam o contexto histórico estadunidense concomitantemente à sua presença na NBA.

Para analisar as formas tomadas por Russell para exercer seu ativismo, foram buscadas todas as ocorrências de seu nome no repositório Times Machine, que possui digitalização de todas as edições do jornal New York Times e seus subprodutos. Foram encontrados 4.353 resultados no período de 30 de abril de 1956, data de seu draft para a NBA, até 06 de agosto de 1969 em que fica clara sua aposentadoria segundo as fontes analisadas. Entre essas ocorrências 732 se referiam ao atleta. As 732 reportagens sobre Bill Russell foram lidas individualmente e organizadas em quatro categorias. A categorização considerou o tema central da publicação a partir do conteúdo predominante no texto. Os resultados foram organizados conforme demonstra a tabela abaixo:

Tabela 1 – Organização das ocorrências do nome de Bill Russell no Repositório Times Machine (30/04/1956-06/04/1969)

Tipo da notícia	Descrição	Quantidade encontrada
Categoria 1	Anúncios, resultados e estatísticas de jogos	502

Tipo da notícia	Descrição	Quantidade encontrada
	oficiais.	
Categoria 2	Matérias sobre outros atletas ou eventos com referência à Bill Russell no corpo do texto.	164
Categoria 3	Matérias sobre Bill Russell.	33
Categoria 4	Matérias que falem diretamente da atuação de Bill Russell em questões raciais e sociais.	33

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Como suporte para a análise das fontes, também será utilizado a autobiografia “Go Up For Glory”, que conta a história de vida de Bill Russell com capítulos dedicados à sua atuação em lutas por direitos civis, intitulados “Felton X”, “Human Rights” (Direitos Humanos) e “The Battleground” (O Campo de Batalha). Além disso, serão utilizados como subsídios os dois primeiros episódios do documentário “Celtics City” (2025), produzido pela HBO. A partir do esforço de narrar a trajetória de militância de Russell, procura-se demonstrar a posição de liderança que o atleta assumiu dentro dos movimentos de resistência por dentro do basquete. Com isso, procura-se compreender de que modo atletas como Bill Russell utilizaram sua posição destaque para imprimir movimentos de resistência ao racismo, à segregação racial institucionalizada e à desigualdade social.

3.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS ENCONTRADOS

3.1.1 O lugar do negro no esporte

Na temporada 2023/2024, o Boston Celtics voltou a ser campeão da liga, feito que não realizava desde 2008. Jaylen Brown, ganhador do prêmio “Bill Russell NBA Finals Most Valuable Player Award” (Prêmio Bill Russell de Jogador Mais Valioso das Finais da NBA) na ocasião, relatou no documentário “Celtics City” (2025), que essa premiação, além do reconhecimento de seu talento enquanto atleta, carrega um significado histórico de lutas e conquistas protagonizadas e lideradas por Russell durante toda sua vida.

É difícil analisar completamente o impacto que Russell teve na comunidade negra estadunidense. Apesar do que aparece na grande mídia utilizada como fonte, sua atuação foi

constante. A partir das fontes analisadas foi possível perceber que Russell esteve articulado com as instituições formais e líderes do movimento dos direitos civis, liderou boicotes, causas trabalhistas, deu palestras em movimentos sociais, promoveu fundos de auxílio financeiro e jogos beneficentes para a população negra, apoiou lutas de outros atletas e participou de eventos sociais. Também, foi um sujeito ativamente mobilizado quando os conflitos raciais se manifestaram em realidades distintas da sua, prestando apoio abertamente a outros atletas que sofriam com a segregação racial e o racismo. Além disso, quebrou diversas barreiras de cor impostas não somente dentro do basquetebol profissional estadunidense, mas de todas as grandes ligas esportivas do país.

Antes mesmo de entrar na liga, Russell já tomava decisões que quebraram paradigmas raciais estabelecidos. No dia 08 de dezembro de 1956, antes de ser recrutado e contratado pelo Boston Celtics, Russell recebeu, conforme consta em matéria do New York Times, uma proposta para integrar o “Harlem Globetrotters”, um time de basquetebol completamente formado por jogadores negros que praticava um jogo alegórico e cômico, não caracterizando um time profissional da NBA. Apesar da proposta salarial consistir em um valor de cerca de 30 mil dólares anuais, ela carrega outros significados que transcendem a possibilidade de ascensão social.

Figura 6 – Notícia de convocação de Bill Russell ao Harlem Globetrotters”

Russell Rejects Offer From Globetrotter Five

SAN FRANCISCO, Dec. 8 (AP)—Bill Russell, a former University of San Francisco All-America basketball star who has just returned from the Olympic Games, today rejected a pro offer from the Harlem Globetrotters. The offer was reported to be \$30,000 a year.

“Thanks, but no dice,” the 6-foot 10-inch center told Bill Miller, Trotter agent.

Russell, outstanding on defense with the undefeated United States team in the Olympics, arrived home last night. He is understood to be considering a professional offer by the Boston Celtics.

Russell said he had turned down the Trotters’ offer because he wanted to return to the university in January to earn teaching credentials.

The New York Times

Published: December 9, 1956
Copyright © The New York Times

Fonte: New York Times: Times Machine

O “Globetrotters” apesar de concentrar os principais jogadores negros do basquetebol e, na época, possibilitar grande visibilidade a esses jogadores, era conforme demonstra Lombardo (2013) uma forma de perpetuação de estereótipos racistas. Dessa forma, o time que carregava o nome do bairro considerado o centro da cultura afro-estadunidense, por suas características cômicas, era retratado como o lugar de pertencimento para atletas negros que buscassem se profissionalizar. Ou seja, ao mesmo tempo que o Globetrotters era utilizado para a construção de um discurso de integração e igualdade entre raças no território estadunidense, enquanto contribuía para a manutenção de estereótipos sobre atletas negros e para a perpetuação de desigualdades raciais no acesso profissional ao esporte.

Sobre a construção desse tipo de discurso, Hall coloca que “a estereotipagem facilita a “vinculação”, os laços, de todos nós que somos “normais” em uma “comunidade imaginária”; e envia para o exílio simbólico todos Eles, “os Outros”, que são de alguma forma diferentes, “que estão fora dos limites” (Hall, 2016, p. 119). Propõe-se, portanto, interpretar o Harlem Globetrotters como um “espaço-destino” socialmente construído para o negro no basquetebol. Dessa forma, a recusa de Russell quebra a perspectiva segregacionista da existência de um “lugar para o negro no basquete”. Mesmo após a entrada de jogadores negros na NBA ainda em 1950 por atletas como Earl Loyd, Chuck Cooper e Nat Clifton, é fundamental compreender que esse espaço, em 1956 ainda era protagonizado por jogadores brancos e exercia uma grande resistência à presença negra nas quadras. O acesso à liga profissional não significou, necessariamente, um reconhecimento geral entre os dirigentes e espectadores das capacidades de pessoas negras de integrar times de basquetebol profissional. O aspecto da resistência institucional da liga à presença negra será retomado em outros momentos da análise das fontes.

No documentário “Celtics City”, por exemplo, é visível como outros times também tiveram a oportunidade de contratar Bill Russell, grande prospecto do basquetebol universitário, mas não o fizeram devido à incapacidade do time e sua base de fãs de aceitar um negro em suas quadras. Segundo o documentário, esse teria sido o motivo principal do St. Louis Hawks, time que originalmente draftou Russell, trocá-lo para o Boston Celtics.

Figura 6 – Trecho da notícia sobre transferência de Bill Russell para o Boston Celtics



Fonte: New York Times: Times Machine

Inclusive dentro do Boston Celtics a presença de Russell não significava sua aceitação completa enquanto homem negro. O mesmo documentário traz à tona que, frequentemente, Bill alegava jogar para o “Celtics” e não para “Boston”, em resposta à cultura racista e segregacionista vivenciada na cidade. Essa característica não é exclusiva do caso de Russell, como é possível notar por uma matéria publicada no dia 17 de janeiro de 1959, a respeito de Elgin Baylor, jogador do Minneapolis Lakers. Baylor e outros dois colegas de time, em uma viagem para Charlotte, para enfrentar o time de Cincinnati, tiveram alojamento negado junto com o restante do time no Daniel Boone Hotel, os três atletas, portanto, se recusaram a jogar na cidade, gerando grande controvérsia. A matéria traz diversos outros casos que não se limitam ao basquetebol, incluindo um caso de Bill Russell na mesma cidade.

Nesse sentido, a segregação deixa de ser apenas legislação e passa a se apresentar como uma estrutura social. O caso de Baylor em Charlotte não pode ser visto como uma ocasionalidade, mas como uma resposta à estrutura que permitia e incentivava práticas racializantes.

3.1.2 Cidadania incompleta do atleta negro

Além dessa citação, no dia 05 de abril de 1958, em sua segunda temporada com o Boston Celtics, sua família foi vítima de um crime de ódio. A casa dos Russell foi assaltada durante sua ausência tendo mil e quinhentos dólares em bens roubados, além de grande parte da residência depredada. Além disso, segundo relato da filha de Bill em entrevista posterior no documentário já citado, os invasores defecaram na cama de seus pais.

Figura 7 – Notícia do assalto à casa dos Russell.



Fonte: New York Times: Times Machine

Quando Russell passa a experienciar o pertencimento em sua equipe, mas a exclusão em sua própria cidade, chega-se ao “problema da linha de cor”, proposto por Du Bois (2021, p. 35). Para o autor “a Proclamação da Emancipação só pareceu ampliar e intensificar as dificuldades” ou seja, o fim da escravidão não solucionou o problema da desigualdade racial, mas trouxe novas características e intensidade à disputa. O caso do ataque à residência dos Russells é um resultado da permanência da fronteira social e simbólica. O atleta é uma celebridade, mas precisa viver sua profissão sob o risco constante de violências raciais.

Fanon vai descrever, em natureza semelhante, a situação da fixação e objetificação do sujeito negro quando em contato com o mundo branco (Fanon, 2020, p. 125). A objetificação sofrida pelo negro, ou o esquema epidérmico racial (Fanon, 2020, p. 127), faz com que se crie um sistema de vigilância e desconfiança que cria a “zona do não-ser”. Portanto, independentemente da formação, da posição ou do status social, um negro em uma sociedade de brancos, é resumido aos estereótipos construídos historicamente. Ao ter a privacidade de

seu lar atacada violentamente, sua cidadania plena na cidade de Boston é negada. O espaço que ele ocupa não é destinado para um homem de sua cor, ele é um intruso.

As notícias apresentadas até agora mostram como a conquista do espaço não era suficiente para garantir a igualdade de oportunidades para atletas negros e brancos. O segregacionismo institucionalizado era um sinônimo de não pertencer completamente à comunidade, ao time, à cidade. O sucesso em quadra permitiu, porém, o desenvolvimento de um gradual sentimento de respeito enquanto atleta profissional. Dessa forma, Russell passou a ver surgir oportunidades de utilizar a visibilidade alcançada pela posição de “super-estrela” em lutas que transcendessem o acesso às oportunidades de jogar na NBA. O jogador se tornou um símbolo de possibilidades, mas também um indivíduo que inspirava resistência e resiliência, não somente dentro do basquete.

3.1.3 Dá visibilidade à militância

Kwame Ture (2021), ao descrever a situação da segregação nos Estados Unidos a partir do movimento “Black Power” (Poder Negro), propõe que a solução dos problemas dos negros deva vir diretamente de suas mãos, pois somente eles conseguem alcançar a totalidade desses objetivos. Nesse sentido, o autor descreve a situação dos bairros negros, ou guetos, como um dos pontos críticos para compreender essa dinâmica de perpetuação de desigualdades. Ture (2021, p. 179 e 180) coloca que ao serem

Proibidos de morar na maioria das habitações, os negros são obrigados a viver em bairros segregados e, com isso, vem a escolarização segregada de fato, o que significa uma educação deficiente, que por sua vez leva a empregos mal remunerados.

Ele ainda destaca que mesmo após a proibição da segregação racial institucional e legalizada, as escolas tenderam a manter a mesma organização de estudantes e a mesma diferença na qualidade de ensino quando se comparavam escolas majoritariamente brancas e negras. Portanto, o que é fundamental para esse trabalho é perceber como o estudo de Ture (2021) coloca a centralidade da educação de qualidade como fator de mudança social.

Sobre esse assunto, o New York Times publicou uma notícia no dia 18 de junho de 1963 sobre o “freedom stay-out day” (dia de liberdade para ficar fora) realizado em Boston. Esse evento consistiu em um acordo entre lideranças negras no qual, ao invés de comparecer às aulas nas escolas públicas, os estudantes se encontraram em diversas igrejas e centros de serviço social “para um dia educativo inteiro”. Esse boicote às escolas teve como objetivo

combater à “segregação nas escolas de Boston e a discriminação na escolha de professores e diretores”. Nas palavras do Reverendo James P. Breeden, nesse dia;

They will learn more about the rights and responsibilities of American democratic system. They will learn freedom songs and they will sing for freedom. They will learn about the direct action movement for freedom which is now sweeping this whole country, and they will learn the spirit of nonviolence, which is the heart of our freedom movement (New York Times, 1963, p. 20)

Eles aprenderão mais sobre os direitos e responsabilidades do sistema democrático americano. Eles aprenderão canções de liberdade e eles cantarão pela liberdade. Eles aprenderão sobre o movimento de ação direta pela liberdade que agora está varrendo todo o país, e eles aprenderão o espírito da não-violência, que é o coração de nosso movimento pela liberdade. (Tradução nossa)

O Reverendo, junto com um grupo de voluntários, realizou um tour pelos locais de concentração das aulas, conversando e palestrando às crianças, adolescentes e jovens. Entre a lista dos sujeitos que integraram esse voluntariado consta o nome de Bill Russell, descrito nesse caso como “a Negro star of the Boston Celtics”.

No dia seguinte, o Times publicou uma nova matéria apresentando os resultados do processo do dia anterior. Foram constatadas 8.263 faltas de estudantes às aulas nesse dia em escolas primárias e secundárias. A manchete do dia destinou espaço ao subtítulo “Athlete Makes Appeal” (Atleta faz apelo), que descreveu a atuação de Bill Russell no movimento. Segundo o jornal, Russell deu palestras em nove diferentes locais no dia, fazendo um apelo para que os estudantes tivessem orgulho de sua cor e permanecessem no caminho da educação formal, a fim de estarem mais preparados para o mundo.

Dessa forma, é possível atestar uma convergência das ações do atleta do Boston Celtics com a produção intelectual e com o ativismo proposto pelos líderes dos movimentos dos direitos civis. Ao mesmo tempo que ele, enquanto sujeito negro, toma a frente na luta pelos seus próprios direitos, como propõe Kwame Ture (2021), ele orienta sua atuação a partir da educação, compreendendo-a como central na superação das desigualdades raciais. Além de Ture, outros líderes dos movimentos pelos direitos civis tomaram a educação como ponto central para as mudanças sociais, políticas e econômicas que almejavam para os Estados Unidos. Malcolm X, no discurso de formação da Organização da Unidade Afro-Americana (OAAU) em 28 de junho de 1964, na cidade de Nova York, colocou que

A educação é um elemento importante na luta por direitos humanos. É o meio para ajudar as nossas crianças e o nosso povo a redescobrir a sua identidade e assim aumentar seu autorrespeito. A educação é nosso passaporte para o futuro, pois o amanhã pertence apenas às pessoas que se prepararem para ele hoje (Malcolm X, 2025, p. 78).

Nesse sentido, a defesa estabelecida era por uma educação de qualidade que não necessariamente exigia a dessegregação, mas contava com o fim da desigualdade investimentos entre escolas frequentadas por negros e brancos. Malcolm X ainda defendia que, caso o Estado não tivesse condições para que esses objetivos fossem alcançados, essas escolas passassem a ser administradas por membros das comunidades em que elas estavam inseridas (p.80).

Assim, Russell não aparece apenas na condição de participante dos movimentos. Ele deve, ser percebido, a partir das fontes, como uma liderança pública articulada com pautas estruturais do movimento negro emancipatório. O teor de seu discurso apresentado pelo NY Times explicita sua dedicação como agente pedagógico e mobilizador, alguém que merece ser ouvido na questão.

Sua ação política, porém, não se concluíu no discurso público ou na presença em atos. Russell esteve dedicado, como demonstra o jornal estudado, em apoiar a infraestrutura material e jurídica do movimento negro. Ou seja, ele não possuía apenas valor simbólico. Não era apenas um exemplo ou um modelo, mas alguém disposto a se movimentar, dentro de sua posição de destaque, para fortalecer a luta.

No dia 24 de janeiro de 1967, o New York Times publicou uma notícia intitulada “Negro Athletes Aid Rights Fund”. A matéria descreve um comitê formado por três atletas negros com o objetivo de realizar uma arrecadação para a NAACP Legal Defense and Educational Fund, Inc. (Fundo de Defesa Legal e Educação da NAACP). Esse fundo, segundo o jornal, tem como objetivo há 27 anos, prover ajuda legal para pessoas envolvidas em processos relacionados às ações de direitos civis, como protestos e práticas discriminatórias sofridas. A notícia traz ainda a declaração de Gustav Henningburg, executivo do fundo, que disse ser a primeira vez que atletas negros prestaram assistência nas arrecadações de algum fundo relacionado ao movimento dos direitos civis. Entre esses sujeitos estava Bill Russell.

Segundo Meier e Bracey (1993, p. 4) o fundo auxiliado pelos atletas foi responsável por proporcionar

a series of stunning victories before the Supreme Court in the space of ten years: from *Smith v. Allwright*, which outlawed the white primary in 1944, to the *Brown* decision of 1954. There then followed a decade of legislative successes culminating in the passage of the Civil Rights Act of 1964 and the Voting Rights Act of 1965, which together brought to a conclusion the struggle to achieve the original goals enunciated by the NAACP in 1909.

uma série de vitórias chocantes perante a Suprema Corte em dez anos: de *Smith v. Allwright*, que proibiu as eleições primárias exclusivamente brancas em 1944, até a decisão *Brown* de 1954. Seguiu-se uma década de sucessos legislativos culminando na aprovação da Lei dos Direitos Civis de 1964 e a Lei dos Direitos ao Voto de

1965, que juntas levaram ao fim da luta para alcançar as propostas originais anunciadas pela NAACP em 1909. (Tradução nossa)

Portanto, é notável a relevância histórica dessa mobilização e apoio de atletas como Russell à NAACP, visto que, apesar de divergências internas no movimento negro quanto às suas estratégias de luta, era um órgão jurídico muito ativo na busca pela conquistas de igualdade de direitos para a população negra nos Estados Unidos. Nesse sentido, é importante notar a consciência de Russell e outros em compreender a luta como coletiva. Seu trabalho de militância não procurou exclusivamente mudar a situação que percebia ao seu redor, mas trabalhar junto com o movimento mais amplo que enxergava e se movia contra a estrutura segregacionista. Karnal (2025, p. 243) destaca que a construção do movimento pelos direitos civis passava por “mulheres e homens, líderes e organizadores, diversas estratégias e táticas”. A atuação de Russell demonstra uma preocupação em não se restringir à luta isolada, mas em se articular à organização coletiva do movimento.

A preocupação de Bill em não ser um sujeito isolado dentro do movimento também é perceptível, a partir da análise dessa matéria de 13 de junho de 1967. Nessa matéria é possível destacar as formas de articulação de Russell com outros atletas profissionais, tanto do basquetebol, quanto de outros esportes, na militância negra. Na coluna Sports of the Times, nesse dia escrita por Arthur Daley, o NY Times traz uma notícia sobre Jim Brown, ex-atleta de futebol americano recentemente aposentado à época. Intitulada “Visit with Jimmy Brown” (Visita com Jimmy Brown), esse texto tem como objetivo central apresentar pontos sobre a vida do atleta após largar, em seu auge, sua carreira profissional.

Porém, um dos subtítulos da matéria, “Inflexible Decision” (Decisão Inflexível), traz uma reflexão sobre o apoio de Brown à Muhammad Ali, em meio à sua polêmica recusa em aceitar o seu alistamento para a Guerra do Vietnã e o risco iminente de prisão que o lendário boxeador corria. Brown, na entrevista apresentada no texto, declara seu apoio incondicional às decisões de Ali e cita uma reunião que organizou, em sua casa, para auxiliar o atleta. Daley caracterizou esse encontro como uma “reunião de um grupo de atletas negros (Negro athletes) proeminentes”. Entre esses indivíduos estavam Bill Russell e Lew Alcindor, que ao se converter ao islamismo passou a se chamar Kareem Abdul-Jabbar, jogador presente no Hall da Fama da NBA, ao lado de Russell.

Figura 7 - Reunião em apoio à Muhammad Ali



Fonte :

<https://www.theguardian.com/sport/2017/oct/23/colin-kaepernick-muhammad-ali-summit-sports-activism>

Ou seja, ao mesmo tempo que se percebe a atuação em defesa das reivindicações de outros atletas, é possível destacar Russell como uma figura de referência para a militância negra nesse contexto, principalmente quando ele tocava o esporte. O atleta não age apenas como um injustiçado, mas se mobiliza e é mobilizado por outros membros da comunidade.

Quando do assassinato de Martin Luther King em 4 de abril de 1968, evento que gerou grande repercussão na NBA, que àquele momento estava realizando os playoffs da temporada 67-68, Russell, ao lado de seu grande rival Wilt Chamberlain, encabeçou uma tentativa de recusa à participação em partidas. Ambos os atletas faziam parte de times ainda vivos na competição, Boston Celtics e o Philadelphia 76ers, respectivamente, estando comprometidos em uma sequência de sete jogos, um contra o outro, para determinar a equipe que avançaria para a próxima fase da competição. O NY Times tratou sobre esse assunto no dia 06 de abril de 1968.

A segunda partida da disputa entre os times foi datada para o dia 5 de abril de 1968, e houve muita especulação sobre a possibilidade de ser cancelado ou adiado devido às circunstâncias da morte do Dr. King. Dos 20 jogadores que compunham ambos os elencos, 12 eram negros e, segundo o New York Times, estiveram envolvidos de alguma fase do movimento dos direitos civis. O jogo, porém, a partir de uma votação informal, foi mantido, com a vitória do Boston Celtics por 127 a 115. Entretanto, os jogadores decidiram não participar do terceiro jogo da série que viria a ser realizado no domingo, em respeito ao dia de luto designado pelo Presidente Johnson, adiando o calendário de partidas.

A morte de King inaugurou uma série de protestos, alguns violentos por todo o país, tensionando ainda mais o conflito racial existente. Dentro do basquetebol, para além das tentativas de paralisação das partidas, Bill Russell esteve envolvido em outros movimentos dentro da comunidade. Um deles, trazido pelo jornal no dia 9 de abril, se refere a requisição de sua presença e de um grupo composto de aproximadamente 40 outros atletas para circular nas ruas e tentar diminuir a violência racial que estava se desenvolvendo nas cidades estadunidenses. Isso mostra, mais uma vez, o reconhecimento do seu papel de liderança negra dentro e fora das quadras, uma figura a ser ouvida.

Por fim, é importante ressaltar que essa liderança de Russell não era exclusiva para as pautas raciais. Outras questões dentro da comunidade esportiva também foram apoiadas e lideradas por ele. Um exemplo disso trazido pelo NY Times aconteceu durante o All Star Game de 14 de janeiro de 1964, quando os representantes dos times do Leste e do Oeste organizaram uma ameaça de greve minutos antes do início da partida. A matéria do dia 15 de janeiro de 1964 sob o título “NBA Players Threaten Strike In Dispute Over Pension Plan”, traz como objetivo proposto a paralisação uma reivindicação de um plano de pensão para os jogadores. O movimento foi encabeçado por Tom Heinsohn, líder da Associação de Jogadores da NBA, que contou com outros quatro jogadores, incluindo Bill Russell, para participar de reuniões emergenciais para resolução da questão. Além desse caso, o New York Times traz mais 6 matérias sobre jogos beneficentes anuais a que Russell atendia para levantar fundos para o tratamento do ex-astro da NBA, Maurice Stokes, paralisado em decorrência de uma lesão cerebral.

3.1.4 Bill Russell e a construção midiática da “superação da linha de cor”

No dia 19 de abril de 1966, 20 anos após o surgimento da NBA, Bill Russell foi o primeiro homem negro a ser nomeado treinador principal de um time de basquetebol profissional da NBA. Ao assumir o comando do Boston Celtics enquanto treinador-jogador, após a aposentadoria de Red Auerbach, Russell ganhou destaque em duas notícias do New York Times que centralizavam a questão racial em sua nomeação. Segundo o jornal, o atleta pode ser considerado um “pioneiro”, visto que sua nomeação representa a superação da “linha de cor”. Além disso, a matéria escrita por Arthur Daley no Sports of The Times, intitulada “The Breakthrough” (A superação), realiza afirmações sobre a militância de Bill na questão dos direitos civis ao longo de sua vida. O objetivo dessa seção é, a partir das fontes como essa, compreender como o jornal construiu discursivamente a figura pública de Russell, e

como o atleta circulou dentro dessas representações que criavam tensões entre seu desempenho profissional e sua identidade racial.

Figura 8 – Trecho do New York Times de 19 de abril de 1966 que traz o pioneirismo de Russell ao se tornar treinador

The Pioneer

This makes him a pioneer because this is the first breakthrough of the color line. No major professional team in any sport had ever elevated a Negro to the top directional job. But Russell will not be the last. In many respects, it was a logical advancement because the tall master of defense had already earned the profound respect of everyone connected with the game, especially his teammates and Auerbach.

Fonte: New York Times

(<https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1966/04/19/80002651.html?pageNumber=49>)

A notícia do dia 19 de abril de 1966 é ponto de partida para observar o uso seletivo da cor da pele na construção da figura pública de Bill. Nesse caso, a raça aparece como um obstáculo a ser superado, ou algo que limitava sua atuação. Por outro lado, a matéria destaca que “Bill once said that he never wanted to be a coach. But he became so fascinated by the idea of becoming the first Negro coach in a major professional sport that he could not resist the challenge” (Bill certa vez disse que nunca quis ser um treinador. Mas ele se tornou tão fascinado pela ideia de se tornar o primeiro treinador negro em um grande time esportivo profissional que ele não pode resistir ao desafio).

Essa disposição de Russell em romper a barreira de cor, de transpor as limitações que eram impostas a si a partir de sua raça, é contraposta pela percepção de que esse espaço não é feito para ser ocupado por ele. A dupla referência do jornal, na página 1 e na página 49, de sua negritude como central nesse processo mostra como ele é um “outsider”¹³ nesse local que passa a ocupar. Fanon, nesse sentido, afirma (2020, p. 43) que:

Quando um antilhano bacharel em filosofia opta por não disputar uma vaga de docente, tendo em vista sua cor, digo que a filosofia nunca salvou ninguém. Quando um outro insiste em me provar que os negros são tão inteligentes quanto os brancos, digo: tampouco a inteligência nunca salvou ninguém, e isso é verdade, pois se é em

¹³ Utiliza-se o termo outsider para indicar a condição de não pertencimento simbólico, isto é, a inserção formal de Russell na instituição acompanhada de sua contínua marcação como sujeito “de fora” em razão da racialização de sua presença.

nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, é também em nome delas que se decide o extermínio desses mesmos homens.

Russell, assim como o negro antilhano que aprende o francês, se aproxima do mundo branco. Atravessa obstáculos historicamente construídos por 300 anos de escravidão e segregação e chega a uma posição de destaque jamais conquistada por outro homem negro. Porém, sob o olhar branco, a sua cor prevalece. O reconhecimento à sua conquista exige, primeiramente, o reconhecimento das limitações que sua raça impõe a ele. O próprio uso do termo “pioneiro” não consiste em um reconhecimento histórico, mas numa tentativa de enquadrar racialmente as conquistas pessoais e profissionais de Bill.

Quando Bill apresenta o desejo em ser o primeiro treinador negro, ele procura responder ao preconceito que afirma, sem sua biografia, ter sofrido durante toda a vida (Russell, 2020, p. 205). Nas palavras utilizadas por Souza (1983, p.40), ao estudar o caso do negro brasileiro, ele busca “Ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o “defeito”, para ser aceito.”. Porém, a excelência de sua performance em quadra e o exímio trabalho que já havia realizado em experiências anteriores como treinador na ausência de Auerbach são insuficientes para legitimar a posição que alcança na instituição.

Essa situação fica visível a partir de uma publicação do New York Times mais tarde, no mesmo ano, após a eliminação precoce do Boston Celtics nos playoffs. A reportagem de 25 de dezembro de 1966 aborda a nomeação de Russell em comparação com outras trocas de dirigentes feitas em outras organizações. A falha de Bill, enquanto treinador, em aumentar a sequência de oito títulos seguidos é acompanhada novamente pelo destaque à sua cor.

Das 732 ocorrências do nome de Bill Russell no New York Times no período analisado, somente 33 delas trazem alguma referência à sua atuação na luta por direitos civis ou à sua negritude. Também é nessas 33 que vai ocorrer o uso da palavra “Negro” para descrever o atleta. A constatação dessa seletividade da percepção da raça como um fator relevante para descrever o jogador demonstra, fundamentalmente, uma dupla representação de Russell, bem como a necessidade do exercício de duas identidades distintas: jogador e homem negro.

Ao mesmo tempo que o jornal tem duas maneiras distintas de apresentar Russell: uma quando ele está dentro de quadra, sendo o astro de seu time, e outra quando a sua raça entra em debate; o jogador precisa transitar entre esses diferentes espaços.

3.1.5 O retorno para casa: as duas faces do afro-americano estadunidense

Após a temporada de 1959, Russell viaja para a África sozinho em uma iniciativa que envolvia a diplomacia estadunidense e a liga, conforme sugere Russell em sua biografia (Russell, 2020, p. 182). Essa viagem, apesar de carregar grande significado na vida de Russell, como demonstra sua biografia, recebeu somente uma pequena menção no New York Times, no dia 24 de março de 1959

Figura 9 - Notícia sobre a chegada de Bill Russell à Etiópia



Fonte: New York Times: Times Machine

Russell, em sua autobiografia caracteriza esse momento como um “retorno para casa”. Apesar de colocar sua origem ancestral como a África Ocidental, fica implícito que os objetivos dessa jornada não se limitam à prática do basquetebol. Ao retornar para os Estados Unidos, em meio a intensos questionamentos sobre os motivos de sua ida à África, Russell escreve (2020, p. 186): “No one could understand that a man can be caught between two worlds. West Africa is my ancestral home. The United States is my native land” (Ninguém conseguia entender que um homem pode estar preso entre dois mundos. A África Ocidental é minha casa ancestral. Os Estados Unidos são minha terra nativa).

O movimento de “retorno à terra natal” desenvolvido por Bill Russell não foi uma ocorrência exclusiva de sua trajetória de militância. Malcolm X, nos anos finais de sua vida, após sua saída da Nação do Islã em 1964 em meio aos escândalos envolvendo Elijah Muhammad e às tensões ideológicas que estava vivenciando no grupo, vai duas vezes à África em um movimento de tentativa de unificação do movimento negro estadunidense com as lutas pan-africanistas (Breitman, 2025). A tentativa de internacionalizar o movimento dos direitos civis nos Estados Unidos, representado nesse caso pela Organização da Unidade Afro-Americana (OAAU), a partir de sua unificação ideológica com as formas de resistência

africanas ao colonialismo do século XX, divide espaço nos objetivos da visita de Malcolm. Segundo Clark (2025, p. 23) seu retorno da África marcou uma ampliação da sua visão política do mundo, tornando seu pensamento mais anticapitalista e pró-socialista.

Ou seja, para ambos esses sujeitos, a ida à África representa um momento de ruptura com suas percepções políticas. Russell descreve uma nova forma de compreender sua cor, sua ancestralidade e seu papel social. Ele é, assim como sugeria a política do internacionalista da OAAU de Malcolm X, um africano que nasceu fora de sua casa. No discurso de formação da organização, no dia 28 de junho de 1964, Malcolm lê o seguinte trecho da Declaração de metas da OAAU: “Precisamos nos unir para avançar. A África não avançará mais rápido que nós e nós não avançaremos mais rápido do que a África. Temos um único destino e tivemos um único passado.”

Em “As Almas do povo Negro”, W.E.B Du Bois descreve esse conflito psicológico do homem negro estadunidense como parte da história do negro norte-americano. Para ele (Du Bois, 2021, p.23):

A história do negro norte-americano é a história desse conflito - desse desejo de tomar consciência de si mesmo como homem, de fundir esse duplo eu em um único indivíduo, melhor e mais verdadeiro. Com essa fusão, ele espera que nenhuma de suas antigas partes se perca. Ele não africanizaria a América, pois os Estados Unidos da América têm muito o que ensinar ao mundo e à África. Ele não clarearia sua alma negra em uma torrente de americanismo branco, pois sabe que o sangue negro tem uma mensagem para o mundo. Ele simplesmente deseja tornar possível para um homem ser ao mesmo tempo negro e norte-americano, sem ter as portas da oportunidade batidas de forma brusca em sua cara.

Nesse sentido, a trajetória de Russell reflete essa construção teórica de Du Bois ainda do começo do século XX. O New York Times, ao noticiar a viagem, faz perceber que Russell não é apenas um jogador de basquete. Ele é um jogador de basquete afro-americano. Ao se descrever como “preso entre dois mundos”, ele precisa administrar uma identidade “profissional”, e outra como negro politizado. Isso, como demonstra sua militância, não significa adotar duas personalidades distintas, mas atender uma exigência estrutural. Para aprofundar essa discussão, recorre-se a Bhabha e o seu conceito de “entre-lugares”, a partir do qual compreende-se a identidade como construída a partir da articulação de diferenças culturais. Para o autor (2013, p. 20):

O afastamento das singularidades de “classe” ou do gênero como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar

aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais.

Considera-se, portanto, que Russell transita nesse “entre-lugar” em que precisa administrar sua negritude e militância em contraste com sua profissão. Por um lado, a NBA, uma instituição hegemonicamente branca, tolera sua presença desde que ela esteja relacionada à performance, por exemplo quando é eleito como melhor jogador da liga, quando pontua, quando quebra recordes. Porém, sua aceitação encontra empecilhos quando a raça toma centralidade de sua atuação. Dessa forma ele passa a ser representado como um negro que joga basquetebol profissional.

Nesse sentido, o estudo dos casos do NY Times também permite observar uma seletividade na escolha dos termos para destacar a raça de Russell quando o atleta atua a partir dela, ou quando ele passa a ocupar espaços que não foram pensados para negros. Dessa forma, a dualidade de identidades que Russell articula não é somente um desafio para o atleta, mas uma oportunidade de construção de discursos da mídia.

Sobre essa construção de discurso o caso já apresentado de sua nomeação como treinador deixa claro como a valorização de Bill como atleta é atravessada por enquadramentos raciais quando ele passa a ocupar espaços a que não pertence dentro do segregacionismo institucional. Ao mesmo tempo, quando age politicamente de alguma maneira, como explorado nos casos que tratam de sua militância, a raça se torna o centro da narrativa.

Outro exemplo aparece no jornal em 24 de agosto de 1967 o jornal traz uma notícia intitulada “Negro Athletes Charge TV Slight”. Nessa matéria, Bill Russell é citado para relatar a experiência que teve com pagamento de valores pela sua aparição em comerciais de televisão quando comparado a outros atletas brancos em papéis semelhantes. Segundo Russell, sua remuneração sempre foi inferior a de seus colegas de time não negros. Apesar do caráter de denúncia da reportagem, ela evidencia a construção simbólica, por meio do discurso midiático, das desigualdades raciais.

O texto do NY Times, traz à tona que, para além dos pagamentos menores, os negros aparecem menos vezes em comerciais e, quando aparecem, estão associados a temas específicos. Segundo a notícia, é mais comum que os atletas negros apareçam em comerciais de cerveja, do que em comerciais de instituições bancárias (que não possuíram nem uma aparição de negros na pesquisa realizada), por exemplo. O estudo, conduzido pela NAACP a partir do Legal Defense and Education Fund. foi iniciado, segundo o New York Times, a partir da denúncia feita pelo próprio Bill Russell.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida ao longo desse Trabalho de Conclusão de Curso teve como foco discutir o ativismo de atletas da NBA nos movimentos de luta por direitos civis nos EUA entre 1950 e 1970. Dessa forma, a partir do estudo das ocorrências do nome de Bill Russell nos exemplares do New York Times, foi construída uma perspectiva de leitura das lutas anti segregação apoiada em uma pesquisa bibliográfica. Assim, o trabalho, ao mesmo tempo em que demonstrou as formas que o atleta negro de basquetebol profissional se movimentava dentro da luta por igualdade racial, buscou refletir sobre a importância da atuação desse sujeito para a população negra.

Para que isso fosse possível, foi necessário compreender o contexto histórico estadunidense, juntamente com o surgimento, popularização e profissionalização do basquetebol. Isso permitiu o entendimento de como a conquista do espaço nessa modalidade profissional, ao mesmo tempo que é resultado de lutas da população negra, tanto na esfera esportiva, quanto em outros espaços sociais, também deixa marcas nos movimentos de protesto e resistência.

O objetivo principal proposto foi exatamente compreender como os movimentos de luta por direitos civis nos Estados Unidos podem ser lidos a partir da influência de basquetebolistas negros. Para alcançar esse objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: identificar a origem e os significados dos movimentos de luta por direitos sociais nos EUA no recorte temporal escolhido; pensar o papel do basquetebol na compreensão da sociedade estadunidense; Analisar como a NBA e o Basquete se tornam um espaço de referência para a identificação e representação negra nos EUA.

Pensando nisso, o trabalho foi dividido em três momentos distintos. Primeiramente, buscou-se analisar o contexto histórico do pós-abolição estadunidense a partir da ideia de um processo longo. Dessa maneira, utilizando uma pesquisa bibliográfica, tomou-se a Guerra Civil estadunidense como ponto de partida para a compreensão dos movimentos sociais que acabaram com a segregação racial nos anos 60. Essa primeira sessão, portanto, teve como foco mostrar as formas de manutenção das desigualdades raciais em diferentes espaços do território dos EUA, bem como explicitar as formas de organização da população negra contra esse sistema.

Em um segundo momento, ainda construído a partir de uma pesquisa bibliográfica, buscou-se inserir o basquete nesse contexto, propondo que seu desenvolvimento enquanto esporte profissional fosse lido ao lado das reivindicações por igualdade da população negra.

Inicialmente, foi realizado um aprofundamento teórico, para que fosse possível compreender o potencial dos esportes para a compreensão da sociedade em que ele se encontra. Na sequência, mergulha-se no caso do basquetebol e da sociedade estadunidense em três momentos distintos: um primeiro para compreender o surgimento da modalidade e da NBA; um segundo para entender a situação que o basquete e suas instituições se encontravam no recorte histórico escolhido; e um terceiro que localizava a emergência e democratização da presença negra no esporte. Com isso em mente, foi possível entender que o esporte, além de proporcionar mobilidade social, se tornou um pilar de constituição da identidade negra nos Estados Unidos.

Por fim, para embasar as afirmações feitas nos capítulos 1 e 2, partiu-se para o estudo do caso de Bill Russell. Para isso, foram utilizadas as ocorrências de seu nome no periódico *The New York Times*, no período em que esteve atuando como atleta profissional do Boston Celtics (1956 a 1969). A partir do repositório oficial do jornal, o Times Machine, foram encontradas centenas de referências ao jogador que foram organizadas a fim de demonstrar que além de ser um atleta excepcional, Russell foi um sujeito ativo no debate racial, tanto dentro, quanto fora das quadras. A análise do conjunto dos documentos investigados permite compreender que seu reconhecimento enquanto um grande atleta não pode ser separado de seu posicionamento público contra o racismo e a segregação racial. Essa constatação, aliada à teoria racial mobilizada, apresenta Bill como um elo entre o esporte e a luta racial, entre o esporte e a sociedade estadunidense.

O conjunto dos dados obtidos, somado ao embasamento teórico e bibliográfico mobilizado demonstra que o estabelecimento de um sistema segregacionista no território estadunidense só pode ser superado por meio da resistência de pessoas negras, seja a partir da atuação em grupos organizados, ou por meios independentes. Nesse sentido, conclui-se, por meio do estudo da figura de Bill Russell, que o basquete profissional é um espaço que serve para uma dupla análise da questão: ao mesmo tempo que atletas enfrentam o racismo no basquetebol, eles utilizam esse espaço como forma de atuação contra o racismo e superação de barreiras impostas socialmente.

Dessa maneira, a pesquisa centrada em Russell revelou um sujeito que, ao mesmo tempo que convivia com o racismo, utilizava sua posição de destaque para fazer enfrentamentos à estrutura racializada, mobilizando e inspirando outros atletas e a comunidade negra a fazer o mesmo. Portanto, o atleta negro de basquetebol, nessa figura, torna-se uma referência política, social e cultural. Ele influencia a liga e a sociedade além de,

por meio de seus atos e do seu talento, quebra barreiras e abre possibilidades às pessoas negras.

Além disso, por meio da análise do texto do jornal utilizado, foi possível perceber uma forma específica de se referir à Russell. Ao longo da análise das fontes, as referências ao atleta acontecem de duas maneiras diferentes: quando ele é profissional e quando é um homem negro. Assim, a negritude de Russell só será uma questão para o jornal quando o atleta passa a ocupar o espaço da NBA como forma de resistência, ou quando atinge posições que nunca foram alcançadas por pessoas negras. Por fim, a pesquisa permitiu olhar para a dualidade da identidade assumida pelo atleta durante sua carreira. Ao mesmo tempo que ele é um homem negro que vive a segregação, ele é um atleta profissional com destaque social. O decorrer da análise demonstrou como é impossível separar esses dois Bills, ou seja, ele não pode separar sua raça de sua profissão e por isso sua militância é tão fundamental.

A partir dos resultados obtidos podem ser elencadas algumas limitações à pesquisa como o número restrito de atletas e fontes investigadas, o que não permite conclusões mais profundas sobre o papel que os jogadores de basquete profissional tiveram ao longo das disputas pelo fim da segregação racial nos EUA. Nesse sentido, sugere-se que futuras pesquisas que abordem esse tema ampliem a relação de sujeitos pesquisados, além de buscar as informações em outras fontes, visando aprofundar as discussões acerca das diferentes formas e representações da atuação de atletas da NBA no contexto histórico escolhido.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. K.. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BREITMAN, G. (Org.). **Custe o que custar**. São Paulo: Ubu Editora, 2025.
- BREITMAN, G. (Org.). **Malcolm X fala**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- CELTICS CITY**. Direção: Lauren Stowell. Estados Unidos: Home Box Office (HBO). Disponível em:
<<https://www.hbomax.com/br/pt/shows/celtics-city/8eae747-b719-4537-a4ed-1c95885112d0?reason=anonymous&returnUrl=https%3A%2F%2Fplay.hbomax.com%2Fshow%2F8eae747-b719-4537-a4ed-1c95885112d0>>. Acesso em: 2 jun. 2026.
- CLARK, S.. Introdução. In: BREITMAN, G. (Org.). **Custe o que custar**. São Paulo: Ubu Editora, 2025.
- DU BOIS, W. E. B.. **As Almas do Povo Negro**. São Paulo: Veneta, 2021.
- DU BOIS, W. E. B.. **Reconstrução Negra**: ensaio para uma história do papel desempenhado pelo povo negro na tentativa de reconstruir a democracia na América, 1860-1880. São Paulo: Boitempo, 2026.
- EDIS, Z.. History of Black Codes and Jim Crow Laws. **International Social Mentality and Researcher Thinkers Journal**, 2019.
- ELIAS, N.. **O processo civilizador, volume 1**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ELIAS, N. e DUNNING, E.. **A Busca da Excitação**: Desporto e Lazer no Processo Civilizacional. Lisboa: Difusão Editorial, Lda., 1992.
- FANON, F.. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2025.
- HALL, S.. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HALL, S.. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008, p.103-133.
- HELAL, R.. **Campo dos Sonhos**: Esporte e Identidade Cultural. In: Anais do 9º Encontro Anual da COMPOS, 2000, Porto Alegre, Galoá, 2000. Disponível em:
<<https://proceedings.science/compos/compos-2000/trabalhos/campo-dos-sonhos-esporte-e-identidade-cultural?lang=pt-br>>. Acesso em 29 maio 2026.
- HELAL, R. e AMARO, F.. Construindo a Nação Arco Íris: esporte e identidade nacional em Invictus. Juiz de Fora: **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF**, 2011.

KARNAL, L.. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2025.

KING, M. L.. **I have a dream**. Washington, 28 ago. 1963, Disponível em: <<https://www.npr.org/2010/01/18/122701268/i-have-a-dream-speech-in-its-entirety>>. Acesso em: 2 jun. 2026.

KING, M. L.. **Stride Toward Freedom: The Montgomery Story**. Estados Unidos da América: 1958.

KIRCHBERG, C.. **Hoop Lore: a History of the National Basketball Association**. Jefferson, Carolina do Norte: McFarland & Company, Inc. Publishers, 2007.

KRILOW, L. S. W.. Jornal como fonte e/ou objeto da escrita histórica: proposta metodológica aplicada à análise das representações sobre “o político” na “grande imprensa carioca” de 1955 a 1960. Porto Alegre: **Oficina do Historiador**, 2019.

LINCOLN, A.. **The Gettysburg Address**. Gettysburg, 19 nov. 1863. Disponível em: <<https://www.abrahamlincolnonline.org/lincoln/speeches/gettysburg.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2026.

LIPPOLD, W. Homens Brancos não sabem enterrar: raça, classe e esportes no cinema estadunidense. In: GUAZZELLI, C. A. B.; DOMINGOS, C. S. M; BECK, J. O.. **Vida é Jogo! Ensaios de História, Cinema e Esporte**. Porto Alegre: Letra&Vida, 2011, p. 109-118.

LOMBARDO, B.. **The Harlem Globetrotters and the Perpetuation of the Black Stereotype**. ProQuest LLC, 2013.

MACKIN, R. S. e WALTHER, C. S.. Race, sport and social mobility: Horatio Alger in short pants? College Station: **International Review for the Sociology of Sport**, 2011.

MCSWEENEY, W. F. e RUSSELL, W. F.. **Go Up for Glory**. Estados Unidos da América: Dutton, 2020.

MEIER, A. e BRACEY, J. H.. The NAACP as a Reform Movement, 1909-1965: "To reach the conscience of America. **The Journal of Southern History**, 1993.

MELO, V. A., FORTES, R.. História do Esporte: Panorama e Perspectivas. Dourados: **Fronteiras: Revista de História**, 2010.

OGDEN, D. C. e HILT, M. L.. Collective Identity and Basketball: An Explanation for the Decreasing Number of African-Americans on America's Baseball Diamonds. **Journal of Leisure Research**, 2003.

RIOS, A. M e MATTOS, H. M. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. Rio de Janeiro: **Topoi**, 2004.

RUBINOFF, J.. **Black Sports Icons: The Late Great Bill Russell**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso - Bacharel em Relações Internacionais, California State University, Chico, 2023.

SIGOLI, M. A., JUNIOR, D. D. R.. A História do Uso Político do Esporte. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, 2004.

SOUZA, A. S. S., OLIVEIRA, G. S., ALVES, L. H.. **A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos**. Cadernos da Fucamp, 2021.

SOUZA, N. S.. **Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

THOMAS, R.. **They Cleared the Lane: The NBA's Black Pioneers**. University of Nebraska, 2002.

TURE, K. e HAMILTON, C.. **Black Power: A Política de Libertação nos Estados Unidos**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

WACQUANT, L. **As Duas Faces do Gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

WACQUANT, L.. O que é Gueto? Construindo um Conceito Sociológico. Curitiba: **Revista de Sociologia e Política**, 2004.

WEST, J. D.. **Uma Breve História dos Estados Unidos**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2021.

ZINN, H.. **A People's History of the United States**. Nova Iorque: Harperperennial, 2015.